

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ADRIANA ZANELA NUNES

**CONECTORES CONCLUSIVOS EM PERIÓDICOS CARIOCAS:  
Uma visão variacionista**

RIO DE JANEIRO

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CONECTORES CONCLUSIVOS EM PERIÓDICOS CARIOCAS:  
Uma visão variacionista**

Adriana Zanela Nunes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutora Helena Gryner.

Rio de Janeiro  
Agosto de 2009.

CONECTORES CONCLUSIVOS EM PERIÓDICOS CARIOCAS:  
Uma visão variacionista

Adriana Zanela Nunes

Orientadora: Professora Doutora Helena Gryner

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Helena Gryner

---

Profa. Doutora Letícia Rebollo Couto – Letras Neolatinas/UFRJ

---

Profa. Doutora Christina Abreu Gomes – Linguística/UFRJ

---

Profa. Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis – Letras Vernáculas/UFRJ, Suplente

---

Profa. Doutora Myrian Freitas – Linguística/UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Agosto de 2009

À Josué Vieira Nunes, meu amado pai e querido amigo. A ele minha eterna gratidão por tudo que fez por mim.

**IN MEMORIAM:**

Ao meu querido irmão Marcos Henrique Zanela Nunes pela saudade sempre presente;

Aos meus avós paternos (Nicéas Nunes e Augusta Vieira Nunes) e maternos (João Zanella e Evangelina de Souza Zanella).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que me sustentou dando forças e saúde para chegar até aqui;

À Profa. Doutora Helena Gryner, minha orientadora que, mesmo sabendo de meus limites, acreditou ser possível realizar este trabalho, apoiou-me e esteve sempre ao meu lado. Com sua ajuda e paciência infinitas este trabalho pode ser realizado;

Às Profas. Doutoradas Letícia Rebollo Couto, Christina Abreu Gomes, Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Myrian Freitas por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora;

Ao Prof. Doutor Luíz Edmundo Bouças Coutinho pelo apoio e incentivo acadêmico que dele recebi;

Ao meu amado irmão Paulo Henrique Zanela Nunes, pelo carinho e ajuda imensos nos primeiros passos com o *Word* e na confecção das tabelas e *slides*;

Agradeço ainda, de modo especial, ao Prof. Doutor Walter de Souza Lopes, pelo incentivo e orientação acadêmica constantes, desde quando ainda estava relutante se devia ou não ingressar no Mestrado. Minha gratidão também à Profa. Mestra Jaqueline Silveira Coriolano, ao Prof. Doutorando Victor Luiz Silveira, ao Prof. Mestre Waniston Coelho Celeri. Todos esses muito me ajudaram, atendendo-me de várias maneiras, nos mais diversos momentos;

À Profa. Doutora Erotilde Goreti Pezatti que, em solicitação ao meu *e-mail*, enviou alguns de seus artigos sobre conectores conclusivos pertinentes ao meu trabalho;

À Fátima, da secretaria da Pós-Graduação, sempre me orientando com os prazos acadêmicos e incentivando-me constantemente. Aos caríssimos amigos da nossa biblioteca: Inês, Francisco e “Pelé” pela incansável paciência em ajudar na procura daquele livro não encontrado nas prateleiras;

A todos esses, o meu muito obrigada de coração!!!

## SINOPSE

Estudo da variação linguística entre os conectores conclusivos explícitos: *portanto* (conector canônico); *e, por isso, pois, então, assim, aí, conseqüentemente* (conectores *não-canônicos*) e o conector *zero*, não explícito. Pesquisa fundamentada nos Princípios da Teoria da Variação e do Funcionalismo linguístico, baseada na amostra de textos midiáticos de jornais cariocas (acervo PEUL/UFRJ).

### LISTA DE TABELAS:

- Tabela 1 – Frequência de conectores conclusivos – p.17
- Tabela 2a – Efeito de nível de conectividade no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.65
- Tabela 2b – Efeito de nível de conectividade no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.66
- Tabela 3a – Efeito de gênero discursivo no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.70
- Tabela 3b – Efeito de gênero discursivo no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.70
- Tabela 4a – Efeito de referência temporal no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.72
- Tabela 4b – Efeito de referência temporal no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.73
- Tabela 5a – Efeito de proximidade no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.75
- Tabela 5b – Efeito de proximidade no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.76
- Tabela 6a – Efeito de polaridade no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.78
- Tabela 6b – Efeito de polaridade no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.79
- Tabela 7a – Efeito de sequência temporal no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.82
- Tabela 7b – Efeito de sequência temporal no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.82
- Tabela 8a – Efeito de periódico no uso de *portanto* vs. conector *zero* – p.85
- Tabela 8b – Efeito de periódicos no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico* – p.86
- Tabela 9 – *Portanto* vs. conector *zero* – p.95
- Tabela 10 – *Portanto* vs. conector *não-canônico* – p.96
- Tabela 11 – *Portanto* vs. conector *zero* – p.97
- Tabela 12 – *Portanto* vs. conector *não-canônico* – p.98

### LISTA DE QUADROS:

- Quadro 1 – Principais tipos de expansão por realce – p.30
- Quadro 2 – Distribuição dos dados por periódicos e gêneros discursivos – p.53

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETO DE ESTUDO.....	16
2.1. Conexão explicação-conclusão.....	16
2.2. Os conectores.....	17
2.2.1. Conector <i>portanto</i> .....	18
2.2.1.1. Gramaticalização do <i>portanto</i> .....	20
2.2.2. Conectores <i>não-canônicos: e por isso, pois, então</i> .....	26
2.2.3. Conector <i>zero</i> .....	27
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	29
3.1. Visão da linguística.....	29
3.1.1. Halliday.....	29
3.1.2. Mann & Thompson.....	31
3.1.3. Câmara Jr.....	31
3.1.4. Neves.....	32
3.1.5. Maingueneau.....	33
3.1.6. Gryner.....	33
3.1.7. Silva.....	34
3.2. Visão das gramáticas tradicionais.....	35
3.2.1. Rocha Lima.....	35
3.2.2. Said Ali.....	36
3.2.3. Cunha.....	37
3.2.4. Cunha & Cintra.....	37
3.2.5. Azeredo.....	38
3.2.6. Bechara.....	39
3.2.7. Garcia.....	41
3.2.8. Borba.....	41
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	43
4.1. Pressupostos teóricos.....	43
4.1.1. Sociolinguística e Teoria da Variação.....	43
4.1.2. Funcionalismo linguístico.....	44
4.1.3. Análise do discurso argumentativo.....	48

4.2. Pressupostos metodológicos.....	51
4.2.1. Caracterização da amostra e obtenção dos dados.....	51
4.2.2. Tratamento dos dados.....	53
4.2.3. Análise quantitativa.....	55
5. HIPÓTESES.....	56
5.1. Variáveis linguísticas.....	56
5.1.1. Nível de conectividade.....	56
5.1.2. Gênero discursivo.....	56
5.1.3. Referência temporal.....	57
5.1.4. Proximidade.....	57
5.1.5. Polaridade.....	58
5.1.6. Sequência temporal.....	58
5.2. Variável social.....	59
5.2.1. Periódicos.....	59
6. ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	60
6.1. Variáveis dependentes.....	60
6.2. Variáveis independentes.....	61
6.2.1. Variáveis linguísticas.....	62
6.2.1.1. Nível de conectividade.....	62
6.2.1.2. Gêneros discursivos.....	66
6.2.1.3. Referência temporal.....	71
6.2.1.4. Proximidade.....	73
6.2.1.5. Polaridade.....	76
6.2.1.6. Sequência temporal.....	79
6.2.2. Variável social.....	83
6.2.2.1. Periódicos.....	83
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
ANEXOS.....	95

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo em questão trata de um fenômeno variável: o uso do conector que introduz orações conclusivas, no discurso argumentativo na imprensa. Encontramos variação entre o conector canônico *portanto*; conectores *não-canônicos* (aqueles que alternam com o *portanto*) e por último a ausência do conector – conector *zero*.

No âmbito da amostra utilizada, o conector *portanto* é o conector canônico por ser o mais frequente. Os conectores *não-canônicos* que ocorrem menos frequentemente são: *por isso, pois, então, aí, assim, e, conseqüentemente*. Estes conectores explícitos e o *zero* são mutuamente substituíveis.

Gryner (2000) em *A sequência argumentativa: estrutura e funções* propõe um esquema para caracterizar a estrutura da sequência do texto argumentativo.

A autora apresenta um quadro com a estrutura argumentativa básica, constituída por categorias e funções facultativas e obrigatórias. Trata-se simplifcadamente das seguintes categorias: **posição** – ponto de vista – asserção básica sustentada pelo locutor; **explicação/justificação** – explicitação das causas e razões da posição defendida pelo locutor; **sustentação** – evidência que sustenta a posição do locutor; **contraste** – oposição entre duas categorias; **conclusão** – fecho da argumentação, confirmação da posição defendida pelo locutor; **avaliação** (ou **coda**) – asserção externa ao argumento que expressa a atitude do locutor.<sup>1</sup>

*Explicação/justificação, sustentação e contraste* constituem a argumentação propriamente dita; *posição* e *conclusão* constituem a tese e sua retomada; *coda* constitui uma avaliação externa ao texto.

---

<sup>1</sup> Encontramos alguns casos de orações conclusivas que constituem verdadeiras codas.

Desse artigo, interessa-nos a relação entre explicação e conclusão, cujas características e desdobramentos serão observados na análise das conclusivas na modalidade escrita.

Quanto às orações conclusivas são basicamente uma relação de causalidade (causa/efeito). Embora ocorra entre sintagmas, orações ou períodos, esse estudo analisa especificamente a ligação entre orações e períodos.

A presença de uma oração explicativa anteposta anuncia uma oração como a conclusiva, o que é crucial na caracterização das conclusivas justapostas e das ocorrências ambíguas.

Nossa hipótese mais geral é de que há uma correlação sistemática entre o uso variável do conector (variantes) e os contextos em que as variantes ocorrem (variáveis independentes ou grupos de fatores). Ela se baseia no pressuposto variacionista de que a língua é um sistema variável, isto é, a variação ocorre com regularidade dentro do sistema.

Ao analisarmos as diversas formas de conexão conclusiva pudemos identificar variantes explícitas, entre as quais a mais frequente (aqui considerada canônica) é o conector *portanto*. A essa variante alterna-se uma segunda, constituída pelo conjunto dos demais conectores (não-canônica). Ambas opõem-se a uma terceira: a variante *zero*, sem conector.

Exemplos:

- **Variante *portanto***

(1) De fato, não há como o presidente eleito aceitar uma renegociação da dívida de estados e municípios, por exemplo, sem que o governo federal transfira - em decorrência de uma reforma tributária - mais responsabilidades para o âmbito de governadores e prefeitos. Nesse caso, a União poderia abrir mão de receitas, pois estará também se desvinculando de despesas ou transferências obrigatórias para cofres estaduais e municipais. Portanto, o momento continua a austeridade fiscal.

[*Editorial - O Globo*]

- **Variante não-canônica**

(2) A existência de um sistema de auditoria competente é pré-requisito para o fortalecimento do mercado de capitais, eis que os participantes desse mercado têm, como instrumento indispensável para tomar suas decisões, as informações divulgadas pelas companhias abertas e, dentre elas, as demonstrações contábeis auditadas por auditores independentes registrados na CVM. Por isso, a qualidade das informações divulgadas é de fundamental importância para a credibilidade do mercado.

[*Crônicas - Jornal do Brasil*]

- **Variante zero**

(3) Li, rindo, que o Romário (foto) exigir (sic) de seu beneficente patrocinador que monte, no Fluminense, um time competitivo no ano que vem. Só que em torno dele, Romário - e foi a partir daí que comecei a rir. Ou bem um time é de competição, sem o Romário, ou bem ele passa a ser um time de distração, para o Romário. Duas idéias simpáticas, mas irreconciliáveis.

Ø Se o futuro do futebol argentino está nessa confusa e inábil seleção de Cavenaghi, Cangela e outros que tais, não haverá outra saída senão curtir o passado, ao bandoneon.

[*Opinião - Extra*]

O objetivo da pesquisa é identificar os fatores que favorecem ou desfavorecem a escolha de uma variante, em detrimento das outras. Neste trabalho analisamos as formas conclusivas argumentativas em textos midiáticos de jornais cariocas, o que indica que trabalharemos com textos da modalidade escrita e não oral. Nossa proposta é analisar estatisticamente o uso dos conectores conclusivos a partir dos seguintes jornais: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Extra* e *O Povo*, coletados e selecionados para a amostra PEUL/UFRJ, verificando o efeito dos diferentes contextos.

Para nossa investigação, propusemos várias categorias analíticas que foram operacionalizadas como grupos de fatores para fins de análise estatística através do Programa Goldvarb (2001).

Esta pesquisa não é apenas quantitativa, mas qualitativa. É uma pesquisa quantitativa na medida em que calcula matematicamente as taxas de uso das variantes, através de um pacote de programas – o Programa Computacional Goldvarb (2001). É também qualitativa,

pois analisa e interpreta os resultados a partir de hipóteses e reflexões baseadas nos princípios linguísticos que a nortearam.

A distribuição deste trabalho é a seguinte:

No capítulo dois, apresentamos o objeto de estudo, ou seja, o conector conclusivo, com as três variantes: conectores explícitos – canônico, *portanto*, e não-canônicos (*por isso*, *pois*, *então*, *aí*, *assim*, *e*, *consequentemente*) e conector zero (ausência de conector). Nesse capítulo, descreveremos o processo de gramaticalização que deu origem ao conector *portanto*. Comentamos ainda a natureza dos não-canônicos e do conector zero.

No capítulo três, procedemos à revisão bibliográfica, levando em conta alguns conceitos gramaticais acerca dos conectores conclusivos com base em alguns estudiosos, tais como: Carlos Henrique da ROCHA LIMA (1983); José Carlos de AZEREDO (2008); Celso Ferreira da CUNHA & Luís Filipe Lindley CINTRA (2007); Evanildo BECHARA (2009); Maria Helena de Moura NEVES (2000); Joaquim Mattoso CÂMARA Jr. (1986); Manuel SAID ALI (1971) e Celso Ferreira da CUNHA (1970).

No capítulo quatro, abordamos primeiramente os pressupostos teóricos e metodológicos deste estudo: a Teoria da Variação Linguística, proposta por Labov (1972); o Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995; HALLIDAY & HASAN, 1976) e a Análise do Discurso (ADAM, 2008).

Tratamos em seguida, da caracterização da amostra, da delimitação do *corpus* da pesquisa, além de discorrer sobre aspectos da análise quantitativa.

No capítulo cinco, apresentamos as hipóteses da pesquisa.

No capítulo seis, procedemos à análise dos dados. Analisamos quantitativamente e interpretamos os resultados estatísticos das variáveis independentes (estruturas discursivas e extralinguísticas).

No capítulo sete, apresentamos as considerações finais deste estudo. Seguem-se as referências bibliográficas.

Por fim, constam em anexo as tabelas referentes às melhores rodadas realizadas pelo Programa Goldvarb (2001), ou seja, aquelas em o programa selecionou o maior número de fatores relevantes, com a melhor significância. Estas tabelas referem-se respectivamente às análises binárias, de *portanto* vs. conector *zero*, e de *portanto* vs. conector *não-canônico*, e constituem ponto de referência para a análise estatística.

Passamos, a seguir, à definição do objeto do presente estudo.

## 2. OBJETO DE ESTUDO

### 2.1. Conexão explicação-conclusão

Nosso objeto de estudo é a variação entre conectores conclusivos. Trata-se, portanto, da variação entre formas de conexão entre orações explicativas e conclusivas. Em (4), (5) e (6) abaixo, exemplificamos esta relação em diferentes configurações.

(4) Recebendo os cuidados do excelente treinador Roberto Morgado Junior (dispensa qualificações), [explicação=como] *a castanha nascida e criada no Haras San Francesco, pode mesmo ser uma pule salvadora para a rapaziada que já está a perigo nesta prova final da semana.* Portanto, [conclusão=portanto] quem acreditar, embarque nesta canoa, pois, as informações recebidas são que o jóquei Gilvan Guimarães será responsável por sua direção, está confiante na vitória.

[Opinião - O Povo]

(5) Mas [explicação=como] *o samba não atingiu a esse apogeu de graça, não. Foi preciso muita luta e uma grande dose de sofrimento de muitos pioneiros.* [conclusão=portanto] Por isso vejo 2004 com exagerada esperança de um novo tempo.

[Crônicas - O Povo]

(6) Esta semana, qualquer fato novo é suspeito. [explicação=como] *Até temporal pode ser manobra eleitoreira.* [conclusão=portanto] Ø Desconfie de tudo. O cachorro está diferente? O café com um gosto estranho? Possíveis sinais de que algo está sendo preparado. [conclusão=portanto] Ø Analise cada "bom-dia" para saber sua intenção secreta. Se lhe derem um "oi", pergunta em que sentido. [conclusão=portanto] Ø Não acredite em nada que lhe disserem, muito menos os jornais. E não duvide dos paranóicos - desconfie de quem não for!

[Crônicas - O Globo]

Em (4), (5) e (6), temos uma relação de causa/explicação-resultado/conclusão. Em (4) e (5) a oração explicativa precede a conclusiva com a presença do conector conclusivo explícito e em (6) com a ausência de conector. Portanto, temos uma relação de **explicação** do porquê de um fato ter ocorrido em uma oração precedente e um **resultado** atingido (concluído) na oração subsequente.

Como veremos, uma evidência de que a relação entre a oração conclusiva e a oração explicativa é paratática, e a posição fixa da explicação, que antecede necessariamente a conclusiva.

## 2.2. Os conectores

Encontramos no *corpus* grande diversidade de conectores conclusivos em distribuição desigual (cf. tabela 1):

Tabela 1:  
Frequência de conectores conclusivos

CONECTORES CONCLUSIVOS	TOTAL
portanto	44
e	41
por isso	27
pois	16
então	15
assim	12
ái	2
com isso	1
consequentemente	1
<b>TOTAL</b>	<b>159</b>

Pressupondo distintos graus de coesão entre explicativa e conclusiva, operacionalizamos a análise da variação propondo três variantes. Assim, temos:

a) Para a maior conexão, a variante *portanto*, forma canônica,<sup>2</sup> o conector mais frequente, específico das conclusivas;

b) Para a menor conexão, variante *zero*, isto é, ausência de marca de conexão;

<sup>2</sup> Embora seja apontado nas gramáticas tradicionais, como o conector prototípico de conclusão (por exemplo em *Penso, logo existo*), não se registrou nenhuma ocorrência do conector *logo* nos periódicos analisados.

c) A variante *não-canônica*, constituída pelo conjunto dos conectores menos frequentes e em geral não específicos das conclusivas.<sup>3</sup>

### 2.2.1. Conector *portanto*

Dominique Maingueneau (1996) analisa as relações de causalidade entre P e Q, ou seja, relação entre causa/justificação + consequência/conclusão, expressa pela fórmula P *portanto* Q.

Na oração causal, P focaliza a causa enquanto na oração conclusiva Q focaliza o resultado. Como a causa P antecede obrigatoriamente o resultado Q, a presença da explicativa leva à interpretação de Q como conclusão, mesmo na ausência de conector.

(7) [P=causa] O voto é a maior arma do eleitor. [Q=resultado] Portanto, é fundamental que a população examine com calma e critério as propostas, reflita sobre cada uma delas, confira se as promessas na eleição passada de fato foram cumpridas e principalmente, não se deixe levar por apelos meramente eleitoreiros.  
[Editorial - Extra]

Na relação lógica (causa + consequência) se estabelece o silogismo em (7a): Assim, Garcia (1973, p.283) define *silogismo*: "A expressão formal do método dedutivo. Uma argumentação na qual de um antecedente que une dois termos a um terceiro, infere-se um consequente que une esses dois termos entre si." Das duas proposições que unem o silogismo, as duas primeiras chamam-se premissas, e a última, conclusão. Como no exemplo clássico: *Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Sócrates é mortal.* No entanto, o argumento silogístico não se limita à linguagem da lógica (cf. (7a)):

---

<sup>3</sup> Observe-se que o conector conclusivo *e* apresenta grande ambiguidade.

(7a) Todas as armas se usam com cuidado.  
 O voto é a maior arma.  
 Portanto [se o voto é uma arma], usa-se com cuidado.

Na relação justificação + conclusão, “o voto é a maior arma do eleitor”, é uma afirmação genérica e consensual em um sistema de sufrágios. É, portanto, uma justificativa legitimada pelo interlocutor e serve de base para o aviso do enunciador de que “é fundamental o exame calmo e criterioso das propostas.” Desta forma, o escritor persuade o leitor da legitimidade da sua conclusão. Vale ressaltar que neste texto existem dois atos de fala:

- i) Afirmar a relação lógica entre causa e consequência;
- ii) Justificar uma avaliação subjetiva (Maingueneau, 1996).

Da mesma forma Halliday & Hasan (1976) distinguem a relação externa (lógica ou objetiva) e relações internas (atitude e atos de fala), e Mann & Thompson (1992, p.71) distinguem causais e resultativos intencionais dos não-intencionais.

No exemplo (8) a ausência do conector não prejudica a interpretação conclusiva:

(8) Toda esta digressão pode se resumir num recado ao estimado leitor: o compromisso do verdadeiro jornalista é jamais lhe negar o fato de que os bárbaros estão mesmo nos portões, principalmente se alguns já escalam as muralhas. Essa notícia não será dada por ser alarmante e ajudar a vender jornal - mas sim por ser verdadeira e sua difusão necessária. E nunca de forma a servir de chamariz para outros bárbaros, por acaso desatentos. Não é tarefa fácil: depende de incontáveis decisões subjetivas e está sujeita a erros humanos. Mas é nosso trabalho. Ø Por favor, como já disse o outro, não fuzilem o carteiro.

[Crônicas - O Globo]

Em (8a) o silogismo é mais complexo:

Tarefas difíceis estão sujeitas a erro.  
 Nossa tarefa (de mensageiro) é difícil.  
 (Portanto) nossa tarefa (de mensageiro) está sujeita a erro.  
 Todos devem realizar o seu trabalho.  
 Esse é o nosso trabalho (de mensageiro).  
 (Portanto, temos (os mensageiros) de realizar nosso trabalho sujeito a erro).  
 Portanto, não devem incriminar (não fuzilem) o carteiro (o mensageiro).

Resumindo, encontramos no último silogismo dois atos de fala:

(i) Afirmar a relação lógica entre *causa*: temos que realizar nosso trabalho (implícito) e *consequência*: não ser incriminado (não ser fuzilado);

(ii) Ato de pedido: não incriminem (fuzilem) o mensageiro (o carteiro).

Ter de realizar o trabalho (de mensageiro) que lhes for atribuído justifica o pedido e persuade o leitor a atendê-lo.

Observe-se nos exemplos (7a) e (8a) que os conectores explícitos e implícitos são mutuamente substituíveis.

(7a) O voto é a maior arma do eleitor.

∅ É fundamental que a população examine com calma e critério (...).

(8a) Mas é nosso trabalho. Portanto, por favor, como já disse (...).

### 2.2.1.1. Gramaticalização do *portanto*

A primeira consideração que temos sobre *gramaticalização*, em geral, refere-se à Antoine Meillet (um pioneiro no termo), o qual conceituou o processo da *gramaticalização* como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma, observando que a transição é sempre uma espécie de *continuum* e, nos casos em que se pode conhecer a fonte primeira de uma forma gramatical, a fonte encontrada foi um item lexical” (MEILLET, 1948 *apud* NEVES, 2004, p.13-28).

O processo de *gramaticalização* está há muito radicado entre conceitos básicos do modelo funcionalista, mais especificamente na explicação de fenômenos de mudança no interior da língua.

A origem etimológica do *portanto* é claramente a combinação de preposição com o pronome demonstrativo intensificador anafórico. Podemos definir anáfora como:

“O relacionamento interpretativo, em um enunciado ou sequência de enunciados, de ao menos duas sequências, sendo que a primeira tem a função de guiar a interpretação da outra ou das outras” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p.36).

Bello (1984, p.131-2; 331) atribui a origem de *portanto* a **por** = per - derivado do Latim (preposição); **tanto** = pronome demonstrativo de intensidade. E reafirma que essas formas se gramaticalizam a partir da conexão entre orações. Exemplo: – “*Malos sean los años que me quedan por vivir, dijo Sancho, si lo dije por tanto.*” Bello acrescenta: “Por tanto es por eso”.<sup>4</sup>

Votre; Cezário e Martelotta (2004) apontam as fortes restrições sintáticas que ocorrem quando operadores originalmente elementos mais voltados para “se identificar como advérbio vão apresentando sucessivamente novas funções de caráter gramatical. Essas novas funções tendem a identificar partes do discurso já mencionados (anafóricos) ou por mencionar (catafóricos), ou ainda a ligando partes do discurso, dando-lhes uma relação argumentativa (conjunções)”.

Longhin-Thomazi (2009) em *Grammaticalization of conjunctions*, retoma a definição de gramaticalização como sendo um processo de mudança linguística principalmente diacrônico e gradual onde novas formas gramaticais são desenvolvidas pela reinterpretção de formas menos gramaticais em contextos linguísticos específicos.

O artigo trata das conjunções coordenadas no português e propõe-se a avaliar o papel do contexto nos processos históricos de gramaticalização envolvidos. A autora se detém na reconstrução diacrônica do processo emergente do marcador conjuntivo adversativo *porém* através de abordagens sincrônica e diacrônica.

---

<sup>4</sup> Com relação ao processo de *gramaticalização*, **tanto** é chamado de elemento de intensificação, e segundo Votre; Cezário e Martelotta (2004), ocorria em contextos de cláusulas correlacionadas que ora se apresentava como comparativas (...) ora como consecutivas. A gramaticalização de *portanto* parte da evolução do elemento fórico a elemento argumentativo. De acordo com os autores, elementos fóricos são a primeira etapa do processo de *gramaticalização* no sentido de funcionar como operador argumentativo. O mesmo observamos nas conclusivas.

A autora remete à Meillet (1912) quando conclui que a formação da conjunção é um campo fértil no trato da renovação da história das línguas principalmente com relação às conjunções coordenadas, e que a gramaticalização das conjunções estão ligadas por mecanismos de base cognitiva e pragmática (p.578).

O trabalho confirma “a hipótese de que os advérbios tendem a realçar (*enhance*) todo o conjunto das conjunções.” “[Por um lado] a aquisição de traços conjuntivos e, por outro, a reinterpretação contextual determinou a emergência de um novo significado” (p.583).<sup>5</sup>

Pezatti (2000, p.60-71) em seu artigo *Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio?* investiga se o conector *portanto* já se gramaticalizou como conjunção no português falado culto do Brasil. Diante da falta de critérios claros e explícitos de delimitação na questão da classificação de conjunções, a autora decide restringir-se às gramáticas tradicionais.

A autora parte da hipótese de que a construção conclusiva exprime a relação de causa/consequência, ou seja, “uma relação de implicação entre a proposição antecedente e a consequente, onde a primeira oração é uma premissa e a segunda uma conclusão.”

Outra questão investigada diz respeito à legitimidade de *portanto* como conjunção em português. Quanto a esse aspecto, remete à Carone<sup>6</sup> (1988, p.58-9 *apud* PEZATTI, 2000), segundo a qual as conjunções são expressões que geralmente passaram de um estado de advérbio para o de conjunção. Para explicar tal transformação, Carone se fundamenta no processo diacrônico de recategorização sintática, no qual locuções adverbiais passam a exercer função de conjunção.

Quanto a outros marcadores que atuam como elementos de coesão: *por isso*, *então*, *assim*, a autora conclui que se situam na transição de advérbio para conjunção, comportando-se como elementos de coesão e estão a caminho de se gramaticalizarem como conjunções

---

<sup>5</sup> Do original: (...) *hypothesis that adverbs tend to enhance the whole set of conjunctions. (...) the acquisition of conjunction traces by the item, and, on the other, the contextual reinterpretation determined the emergence of a new meaning* (p.583).

<sup>6</sup> CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.

coordenativas. Salienta Pezatti que o valor coesivo desses elementos provém de seu caráter anafórico.

Pezatti lista as etapas do processo de coordenação de orações, defendidas por Carone.

a) um termo de valor adverbial, pertencente à estrutura da segunda oração coordenada, reitera a primeira oração como um todo;

b) esse termo é um representante da primeira oração dentro da segunda;

c) esse circunstante entra em processo de cristalização, no decorrer do qual se desvanece paulatinamente a noção de que ele é uma anáfora da oração inicial;

d) ao mesmo tempo ganha força sua função *relacionadora*: é um laço que a segunda oração estende para agarrar-se à oração inicial;

e) completando-se o processo, está criada mais uma conjunção coordenativa, morfema que faz parte da segunda oração coordenada.

Pezatti concorda com Carone quanto à hipótese de que a transformação pela qual locuções adverbiais passam a exercer função de conjunção se dá por um processo diacrônico de *recategorização sintática*, conceito proposto por Hopper & Traugott (1993 *apud* PEZATTI, 2000).

O trabalho de Pezatti (2000) avança esclarecendo que a conjunção conclusiva por excelência é *logo*, e aponta a possibilidade do *portanto* alternar, na mesma posição com esse conector prototípico. Para justificar a prototipicidade de *logo*, ela arrola alguns parâmetros que atestam o processo completo de gramaticalização desse conector, exemplificando-os:

a) Não apresentar mobilidade no interior da sentença que inicia:

“O narciso é uma flor, logo pertence ao reino vegetal.

\*O narciso é uma flor, pertence, logo, ao reino vegetal.”

b) Não poder ser precedido de outra conjunção, como a aditiva:

“\*O narciso é uma flor, e logo pertence ao reino vegetal.”

c) Pode coordenar termos, como as demais conjunções coordenativas (*e*, *ou* e *mas*):

“Você está sentindo a sua emoção, daí ser mais fidedigno, logo mais verdadeiro.”

d) Não aceita focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão:

“\*O narciso é uma flor é logo que pertence ao reino vegetal.”

A autora esclarece que os traços que apontam o conector *logo* como prototípico, já apresentados, servem também para o conector *portanto*. Como hipótese, a autora aponta alguns fatores que confirmam o comportamento que explica a gramaticalização do *portanto*. São eles:

a) a possibilidade de o conector ser antecedido por *e*, considerando a hipótese de que a presença de um juntor (cf. Pezatti, 2000, s.p.) elimina automaticamente a necessidade de um segundo, a não ser que eles exerçam diferentes funções;

b) o nível estrutural da coordenação, se oração ou termo, considerando que a junção com *e*, *ou* e *mas*, coordenativos prototípicos, realiza-se em vários níveis estruturais;

c) tendo em vista que elementos já gramaticalizados como as conjunções ocupam uma posição fixa, a inicial na apódose, verifica-se a mobilidade dos jutores com o intuito de verificar se ainda preservam o caráter adverbial;

d) considerando a natureza híbrida das conjunções e o fato dos advérbios permitirem focalização por meio de clivagem ou de partículas especiais, verifica-se como se comportam os jutores conclusivos em relação a esse aspecto.

Desta forma, a autora considerou:

- a restrição por meio de advérbios de inclusão/exclusão (ILARI *et al*, 1996a *apud* PEZATTI, 2000).

Lembremos que, para Carone (1988 *apud* PEZATTI, 2000), *portanto* é uma conjunção conclusiva pois já superou as fases do processo de cristalização, ou seja, o termo de valor adverbial foi perdendo, no decorrer do processo, a noção de que ele era uma anáfora da oração inicial e foi adquirindo uma função *relacionadora*. Para firmar o que diz sobre a cristalização do *portanto*, Carone lembra da forma ortográfica, antes preposição **por** e advérbio **tanto** que se juntaram para formar o *portanto*.

No entanto, o resultado da pesquisa feita por Pezatti revelou que 89,4% das ocorrências *portanto* poderiam ser substituídas por *logo* (juntor considerado prototípico). Dentre elas, 68,4% admitiam ser introduzidas pela conjunção *e* (o que lhe daria um *status* de advérbio).

Diante disso, Pezatti verifica que se existem duas conjunções, no caso ***e*** e ***portanto***, parece que a gramaticalização de *portanto* ainda não está completa em seu processo, o que contraria a afirmação de Carone.<sup>7</sup>

Pezatti (2000) coloca em dúvida a posição de Carone sobre a gramaticalização de *portanto*. Consideramos *portanto* prototípica.

Exemplo de gramaticalização de *por isso*:<sup>8</sup>

(9) Nada, porém, justifica a reação como a do piloto de avião. Um brasileiro que tivesse reação semelhante ao desembarcar em algum aeroporto dos Estados Unidos certamente também seria punido. São atos indignos, que ofendem o país e, por isso, não merecem tolerância e devem ser avaliados pela justiça.

[Editorial - Extra]

<sup>7</sup> Encontramos em nossos dados sete casos em que o conector conclusivo aparece com a conjunção *e*. Foram eles: dois casos de ***e portanto*** (em *Crônicas*); três casos de ***e por isso*** (1 em *Crônicas* e 2 em *Editorial*); um caso de ***e conseqüentemente*** (em *Crônicas*) e um caso de ***e com isso*** (em *Editorial*). Ao todo foram sete casos envolvendo a conjunção *e*.

<sup>8</sup> O conector *por isso* como advérbio não interessa ao *corpus*. Cf. exemplo: *Dar as boas vindas a estrangeiros exibindo corpos femininos seminus não é, definitivamente, uma atitude de quem está preocupado em incrementar o turismo nacional. A tal comissão, que aliás é mantida com dinheiro do contribuinte, deu um péssimo exemplo e deveria vir a público se desculpar por isso.* [Editorial – Extra]

Os *insights* das três autoras (Longhin-Thomazi; Pezatti e Carone) nos parecem fundamentais para a definição e delimitação das nossas variantes explícitas. A gramaticalização dos conectores e o grau de coesão entre explicativa e conclusiva explicariam a escolha das formas nos contextos.

Observe-se que embora *logo* seja apontado como conector canônico não foi registrado em periódicos cariocas.

A questão do conector prototípico torna-se mais complexa diante da ausência do conector *logo*. Assim, considerando as restrições apontadas por Pezatti (2000), identificamos *portanto* como conector conclusivo canônico.

Alguns critérios para escolha de outros conectores são: a) a frequência de ocorrência, isto é, o número de dados é superior a todas as demais se considerando individualmente; b) a especialização, ou seja, não ambiguidade como conector conclusivo.

Ressalve-se, porém, o caráter escrito e formalizado da linguagem midiática. Na fala espontânea, certamente seu uso é bem reduzido.

### **2.2.2. Conectores não-canônicos: e, por isso, pois, então...**

Os conectores conclusivos em geral têm origem em locuções adverbiais, gramaticalizadas ou em processo de gramaticalização. Constatamos além de *portanto*, a presença de diversos conectores conclusivos em nosso *corpus*: *e, por isso, pois, então, assim, aí, conseqüentemente*.

a) complexos:

*por isso* (27 casos); *com isso* (1 caso); *conseqüentemente* (1 caso);

b) leves:

*e* (41 casos); *pois* (16 casos); *então* (15 casos); *assim* (12 casos); *áí* (2 casos)

(HALLIDAY & HASAN, 1976, p.234).

(10) Mas o samba não atingiu a esse apogeu de graça, não. Foi preciso muita luta e uma grande dose de sofrimento de muitos pioneiros. Por isso vejo 2004 com exagerada esperança de um novo tempo.

[Crônicas - O Povo]

(11) Uma das mais importantes é a que estabelece que os organizadores deverão garantir não só as condições das instalações do local do evento, como a segurança das áreas internas. Assim, em caso de brigas, as equipes de som e os clubes responderão na Justiça pelos problemas que venham a surgir em seus ambientes.

[Editorial - Extra]

(12) Nada mais natural. As autoridades passaram dos limites. A população não merece isso, principalmente num momento de festa. E deve, ao menos, ser poupada do bate-boca entre os representantes da população que costumam protagonizar episódios como este.

[Editorial - Extra]

### 2.2.3. Conector zero

O conector *zero* é aquele que não é explicitamente marcado, mas que se justifica na relação de causa e consequência, como já vimos (cf. 13-15).

(13) [causa] *A desigualdade e a impunidade. A elas, aos que oprimem o povo, convém manter o cidadão, você, acovardado, fraco e manipulável.* [consequência] Ø *Vamos dizer não a isso. Vamos vencer o medo! Vamos levantar a cabeça e votar desassombrada e afirmativamente, como cidadãos livres e responsáveis. Donos de nosso destino. Vamos votar na esperança, no que acreditamos seja o melhor para o Brasil e não porque estamos assustados. A política do medo só nos leva para trás.*

[Crônicas - Jornal do Brasil]

(14) Um caso típico para o Procon, independentemente de o futebol ser o esporte de massas, o mais popular do país, paixão que arrebatava multidões. [causa] *Evidentemente que trata-se de um golpe contra o torcedor, equivalente a um gol de mão ou uma entrada desleal.* [consequência] Ø *Uma iniciativa que merece cartão vermelho e fim de papo.*

[Editorial - Extra]

(15) [causa] *Desta figura que marcou aquela fase de muito sofrimento da existência da Mangueira, tenho outras tantas historinhas, quase todas explorando a sua doce e positiva ingenuidade.*[consequência] *Ø Seu Juvenal Lopes,(...) deveria servir como exemplo aos postulantes como um presidente que mais do que nunca, dentro da sua "matutice", soube unir os verdadeiros mangueirenses e legando aos dirigentes que o sucederam lições de amor à Estação Primeira de Mangueira.*

[Crônicas - O Povo]

A seguir passamos à revisão bibliográfica deste estudo.

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1. Visão da linguística

Mostraremos a visão linguística de alguns estudiosos no âmbito dos conectores conclusivos: Halliday (1994), Mann & Thompson (1992), Câmara Jr. (1986), Neves (2000), Maingueneau (1996), Gryner (2000), Silva (2007).

##### 3.1.1. Halliday

Halliday (1994) em seu *An Introduction to Functional Grammar* descreve tipos de interdependência com relação à complexidade. Parataxe e hipotaxe são geralmente relações não restritas ao nível da oração. Elas definem complexidade em qualquer nível (p.221):

- a) complexidade de oração;
- b) complexidade de grupo ou sintagma (*phrase*);
- c) complexidade de palavra.

Parataxe é a ligação de elementos de igual *status*. Tanto o elemento que inicia quanto o elemento que dá continuidade são livres no sentido de que cada um poderia funcionar independentemente do outro; hipotaxe é a união de elementos de *status* desiguais. O elemento dominante é livre, mas o elemento dependente não é.

Halliday (1994, p.225, 232 e 234) propõe três tipos de expansão de uma oração: por elaboração, por extensão e por realce. Para fins de nosso estudo, vamos nos deter no que ele apresenta como expansão por realce. Uma oração realça o significado de outra qualificando-a de várias formas, conforme faz referência: 1) ao tempo; 2) ao lugar; 3) ao modo; 4) à *causa* (grifo nosso); e 5) à condição (cf. quadro 1):

Segundo a proposta de Halliday (1994), o vínculo entre explicação (causa-razão) e conclusão (resultado) seria definido como de hipotaxe, isto é, explicativa e conclusiva seriam desiguais.

Categoria	Significado
1. Temporal	
ao mesmo tempo	A enquanto B
tempo diferente: mais tarde	A subseqüentemente B
tempo diferente: mais cedo	A previamente B
2. Espacial	
no mesmo lugar	C lá D
3. Modo	
através de	N através de M
comparação	N é como M
4. Causa/condição	
causa: razão	porque P então resultou Q
causa: propósito	por causa da intenção de Q então agiu P
condição: positiva	se P então Q
condição: negação	se não P então Q
condição: concessão	se P então contrário à expectativa de Q

Quadro 1  
Principais tipos de expansão por realce (HALLIDAY, 1994, p. 234)

### 3.1.2. Mann & Thompson

Mann & Thompson (1992) propõem uma Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetoric Structure Theory*, no original) na qual as relações textuais/discursivas se dão em diferentes níveis (entre oração, entre períodos, entre parágrafos ou entre grupos de parágrafos) dentro de uma estrutura que abrange todo o texto (estrutura holística).

Estas relações não dependem de conjunções explícitas, pois se definem semanticamente. Apontam ainda que as conjunções explícitas são secundárias, isto é, figuram apenas como “sinalizador” da relação e que são menos frequentes que as implícitas.

Para Mann & Thompson (1992) há dois tipos de relação entre causa e consequência, ambas hipotáticas. Um, que focaliza a causa como oração satélite e a consequente como oração núcleo (relação hipotática causal); outro que focaliza a consequência como satélite e causa como núcleo (relação hipotática resultante). Temos, portanto, a conexão explicativa-conclusiva como hipotaxe.

### 3.1.3. Câmara Jr.

Câmara Jr. (1986) em seu *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa* define o verbete conclusiva situando-a entre as orações coordenadas. Coordenação ou *parataxe* é a construção em que os termos se ordenam numa sequência e não ficam conjugados num sintagma. E acrescenta ainda que “na coordenação, cada termo vale por si e a sua soma dá a significação global em que as significações dos termos constituintes entram ordenadamente lado a lado.”

Sobre coordenação, Câmara Jr. (1986) esclarece que, além de “composição lexical por coordenação” existe coordenação como construção sintática, em vários níveis: a) de

palavras; b) de grupos lexicais, e c) de orações subordinadas a uma principal ou inteiramente independentes (p.86).

De acordo com Câmara Jr. (1986):

Na coordenação sintática diz-se que há assíndeto, ou *coordenação assindética*, quando os termos se seguem apenas separados por uma pausa, a que na escrita corresponde a vírgula ou o ponto e vírgula; mas pode dar-se a ligação, ou *síndeto*, entre os termos coordenados por meio da conjunção copulativa **e**, tendo-se então a coordenação síndetica.

[Conjunções], são vocábulos gramaticais que, como conectores, estabelecem: a) uma coordenação entre duas palavras, dois membros de oração ou duas orações (orações coordenativas) e b) uma subordinação entre duas orações, que constituem um sintagma oracional, em que uma, como determinante, fica subordinada à outra, principal, como determinado.

Além da coordenação síndetica copulativa mencionada há coordenação síndetica por meio de outras conjunções coordenativas, que introduzem as noções de contraste, de alternativa, de conclusão, de explicação.

As ideias gramaticais de: a) contraste; b) alternativa; c) conclusão e d) explicação são indicadas, respectivamente por conjunções: a) adversativas (*mas; porém*); b) alternativas (*ou*); c) conclusivas (*ora; portanto*) e d) explicativas (*pois*) (p.81).

#### **3.1.4. Neves**

Neves (2000) acerca de conectores conclusivos, na sua *Gramática de usos do português*, descreve:

Advérbios que operam conjunção de orações: são advérbios juntivos, de valor anafórico, que ocorrem numa oração ou num sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma anterior.

a) indicando contraste;

b) indicando conclusão: *portanto, por conseguinte, então* = *em consequência (disso)*.

A gramática tradicional coloca esses advérbios como conjunções coordenativas (adversativas e conclusivas, respectivamente), admitindo, assim, orações coordenadas sindéticas conclusivas. Na verdade, são elementos em processo de gramaticalização. Nesse processo, está em estágio mais avançado o elemento conclusivo *logo*, que tem o comportamento próximo ao de uma conjunção coordenativa (p.241).

### 3.1.5. Maingueneau

Maingueneau (1996), analisando as orações de resultado (como as conclusivas) aponta que estas orações expressam dois atos de fala. O primeiro (resultado de uma ação) e o segundo (resultado de uma justificativa).

Segundo Maingueneau, no caso das conclusivas, o que garante a legitimidade do proposto na explicação é a própria fala do enunciador, explicitada no contexto que precede a consequência.

### 3.1.6. Gryner

Gryner (2000) em *A sequência argumentativa: estrutura e funções* propõe um esquema para caracterizar a estrutura da sequência do texto argumentativo.

A autora apresenta um quadro com a estrutura argumentativa básica, constituída por categorias e funções facultativas e obrigatórias. Trata-se simplificada das seguintes categorias: **posição** – ponto de vista – asserção básica sustentada pelo locutor; **explicação/justificação** – explicitação das causas e razões da posição defendida pelo locutor; **sustentação** – evidência que sustenta a posição do locutor; **contraste** – oposição entre duas categorias; **conclusão** – fecho da argumentação, confirmação da posição defendida pelo

locutor; *avaliação* (ou *coda*) – asserção externa ao argumento que expressa a atitude do locutor.<sup>9</sup>

*Explicação/justificação, sustentação e contraste* constituem a argumentação propriamente dita; *posição* e *conclusão* constituem a tese e sua retomada; *coda* constitui uma avaliação externa ao texto.

Desse artigo, interessa-nos a relação entre explicação e conclusão, cujas características e desdobramentos serão observados na análise das conclusivas na modalidade escrita.

### 3.1.7. Silva

Silva (2007), no artigo intitulado *A expressão do tempo numa sequência explicativa*, parte do pressuposto de que “a sequência explicativa do discurso pode ocorrer em qualquer gênero discursivo, embora sejam os textos de natureza didática e científica os que apresentam maior número de sequências deste tipo.”

Quanto ao nível composicional, o autor propõe que a sequência explicativa é constituída por três macroposições:

i) *questionamento* – apresenta a explicitação de uma questão (ou mais) em função de uma pergunta do tipo *por que?* ou *como?*

ii) *resolução* – completa um (ou vários) enunciado equivalente ao que se inicia por *por que?*

iii) *conclusão* – expressa uma (ou mais de uma) asserção incontestável.

---

<sup>9</sup> Encontramos alguns casos de orações conclusivas que constituem verdadeiras codas.

O autor focaliza a organização discursiva em que predomina a relação discursiva de **resultado**.

### 3.2. Visão das gramáticas tradicionais<sup>10</sup>

Mostraremos a visão das gramáticas tradicionais e ao final, fazemos um resumo geral acerca da nomenclatura utilizada pelos gramáticos no âmbito dos conectores conclusivos.

#### 3.2.1. Rocha Lima

Rocha Lima (1983) na *Gramática normativa da língua portuguesa*, define o conceito de conjunções. São palavras que relacionam entre si:

- a) dois elementos da mesma natureza como, por exemplo, substantivo + substantivo; adjetivo + adjetivo; advérbio + advérbio; oração + oração, etc.;
- b) duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação.

Assim, Rocha Lima (1983) apresenta indiretamente os processos sintáticos de coordenação e de subordinação. Para ele, o processo de coordenação se dá na comunicação de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações gramaticalmente independentes, constituindo o período composto por coordenação.

Segundo o autor para transmitir aquele pensamento, necessitamos das duas orações em conjunto. Poderia haver entre elas uma conjunção coordenativa: quando esta partícula não existir, diz-se que a coordenação é *assindética*, e quando existir, ela é *sindética*.

Rocha Lima (1983) classifica as orações coordenadas sindéticas de acordo com as conjunções que as iniciam, sendo classificadas em: *aditivas*, *adversativas*, *alternativas*,

---

<sup>10</sup> Os autores Garcia (1968) e Borba (1984), não são gramáticos.

*conclusivas, explicativas*, e ressalva que, desde que tenha o mesmo valor sintático, nem sempre é indiferente a ordem das orações no período composto por coordenação. As orações se dispõem conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos.

A oração que vem em primeiro lugar, o ponto de partida do pensamento, é chamada coordenada culminante. O autor sugere que todas as vezes que os fatos têm ordem histórica, a narração deve também seguir em lugares sucessivos os momentos sucessivos do tempo. Ele lembra que a conclusão de uma premissa deve aparecer em último lugar, e dá o exemplo: *Penso; logo, existo*. Esta é uma ordem que não pode ser invertida.

A oração conclusiva é vinculada a uma explicativa por uma relação de causalidade – causa, razão, justificativa, explicação (P) – seguida de consequência, resultado, conclusão (Q) assinalada ou não por um conector.

### 3.2.2. Said Ali

Encontramos em Said Ali (1971)<sup>11</sup>, *Gramática histórica da língua portuguesa*, uma conceituação de coordenação e subordinação que até certo ponto antecipa os desenvolvimentos recentes da linguística:

Aos termos coordenação e subordinação prefere a linguística moderna as expressões parataxe e hipotaxe. Será conveniente que o estudante de sintaxe se familiarize com estes dois vocábulos e conheça alguns fatos que não se costumam mencionar em compêndios.

Dá-se parataxe quando a uma proposição inicial se acrescenta proposição copulativa, adversativa ou disjuntiva, que se reconhecem ou pela presença de partícula característica ou pelo sentido (construção assindética). Dá-se ainda o mesmo fenômeno se a segunda oração é causal, e se usa, sem conjunção ou com a partícula *porque*, tendo esta o sentido do francês *car*, inglês *for*, alemão *denn*; quer isto dizer, a proposição causal constituirá um pensamento à parte, podendo haver uma pausa forte entre ela e a proposição inicial. Se porém existe união mais íntima, é porque corresponde a francês *parce que*, inglês *because*, alemão *weil*, a oração causal figura como subordinada.

---

<sup>11</sup> Os textos foram citados segundo a ortografia original.

Seguindo-se à sentença inicial uma proposição que tenha por fim exprimir o efeito, a conseqüência (conclusiva, consecutiva), haverá parataxe se a construção for assindética ou se se empregar como conjunção *logo, portanto, por conseguinte, por conseqüência*, ou se se usar *de modo que, de maneira que, de sorte que*, estando completo o sentido da primeira oração. Será evidentemente caso de hipotaxe a combinação por meio dos mesmos dizeres *de modo que, de sorte que*, etc. quando sem a segunda oração ficar suspenso ou alterado o sentido da sentença inicial.

Por estas considerações e pelo estudo que na Lexeologia fizemos do sentido e origem das partículas conjuncionais, vê-se que nem sempre se manifesta bem clara ao analista a diferença entre parataxe ou coordenação e hipotaxe ou subordinação (p.273).

### 3.2.3. Cunha

Cunha (1970), na *Gramática moderna*, categoriza as combinações de orações e as conjunções. Segundo o autor, dividem-se em: aditivas; adversativas; alternativas; conclusivas, e explicativas. A elas se opõem as conjunções subordinativas.

Mais especificamente, o gramático define a função das conclusivas “as conjunções conclusivas servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, conseqüência. São: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim,...*” (p.263).

Consta ainda uma observação quanto à conjunção *pois* conclusiva, que “vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence” (p.263).

### 3.2.4. Cunha & Cintra

De acordo com Cunha & Cintra (2007) em sua *Nova gramática do português contemporâneo*:

Conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas.

Conjunções coordenativas conclusivas servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, conseqüência. São: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim...* (p.594).

Com relação ao conector *pois*, os autores dizem que: “(...) quando conjunção conclusiva, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence” (p.594). E acrescentam: *As conclusivas logo, portanto e por conseguinte, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase* (p.594).

Sobre o conector *e*, Cunha & Cintra (2007) afirmam:

Certas conjunções coordenativas podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados. Por exemplo, é o caso do conectivo *e*, que pode ter valor adversativo; expressar uma finalidade, ou ainda pode indicar uma conseqüência, uma conclusão (grifo nosso) (p.594-6).

### 3.2.5. Azeredo

Em *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, Azeredo (2008a) distingue sete adjuntos conjuntivos de conclusão:

Os adjuntos conjuntivos [de conclusão] *portanto* e *logo* (...) introduzem uma oração que exprime a continuação lógica do raciocínio iniciado com a oração anterior:

*Portanto* (ou *logo*) introduz a conclusão que se tira de um fato ou idéia (...).

*Por conseguinte, conseqüentemente, por isso, então* – estes adjuntos conjuntivos também expressam conclusão e podem substituir *portanto* e *logo*. A diferença entre eles está no grau de formalismo:

*Por conseguinte* e *conseqüentemente* só ocorrem em usos ultraformais da língua, e praticamente só se encontram na modalidade escrita; por sua vez, *então* e *por isso* são coloquiais.

*Por isso* e *então* são usuais no discurso narrativo, opcionalmente precedidos da aditiva *e*, para a associação de fatos que se sucedem no tempo e se relacionam como causa e efeito.

A natureza adverbial dessas formas tradicionalmente classificadas como conjunções – permite que a elas se junte uma autêntica conjunção. (p.307-9)

Azeredo (2008a) menciona a coordenação de orações subordinadas que: “Funcionam como meios de conexão, pois, entretanto e portanto só associam orações independentes.”

Quanto aos conectores, refere-se a adjuntos conjuntivos. O autor diz que “tais adjuntos são utilizados como recurso de coesão textual.” E que “estes sintagmas pressupõem alguma porção de sentido precedente no discurso ou no texto, em relação à qual a porção a que eles se unem expressa” (no caso das conclusivas):

(...) uma conclusão, uma inferência, um resultado, como por exemplo: *portanto, pois, por isso, por conseguinte, em consequência; (...)*

Com relação à coordenação de orações independentes, o autor lembra que: “duas orações podem estar coordenadas sem que qualquer conectivo as una” (2008a, p.299).

Azeredo (2008b) em *Fundamentos de gramática do português* conceitua a coordenação como um processo de ligação entre unidades da mesma classe (sintagmas, orações, etc). Define *portanto* e *logo* como conectores conclusivos e adota o rótulo *advérbios conjuntivos* por introduzirem uma oração que exprime a continuação lógica do raciocínio iniciado com a oração anterior. O autor se restringe a afirmar que tais conectores introduzem a conclusão de um fato ou ideia (AZEREDO, 2008b, p.251).

### 3.2.6. Bechara

Encontramos em Bechara (2009, p.320), *Moderna gramática portuguesa*, que há três tipos de *conjunções* coordenativas de acordo com o significado da relação entre as unidades coordenadas que unem: *aditivas, alternativas* e *adversativas*. Quanto às demais, inclusive as conclusivas, distingue-as como expressões *adverbiais que não* (grifo nosso) *são conjunções coordenativas*:

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. É o caso de: *pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as explicativas (*pois, porquanto*, etc) e conclusivas (*pois* [posposto], *logo, portanto, então, assim, por conseguinte*, etc), sem contar: *contudo, entretanto, todavia* que se alinham junto com as adversativas. (BECHARA, 2009, p.322).

Bechara (2009, p.46) distingue diferentes “*propriedades dos estratos de estruturação gramatical.*” São elas: a) superordenação (ou hipertaxe); b) subordinação (ou hipotaxe); c) coordenação (ou parataxe) e d) substituição (ou antitaxe).

Para Bechara (2009, p.48-9):

A *parataxe* (ou coordenação) consiste na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de “dependência”, o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que *a parataxe inclui a hipotaxe* ou que *a parataxe também é hipotaxe*. Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois, porquanto, por isso, por conseguinte, logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama orações *conclusivas* e *causais-explicativas*. Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações *principais* ou *independentes*. Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

Bechara destaca a importância da sintaxe. De acordo com o autor, “é preciso insistir nesse critério sintático de oração independente, dependente e principal, quando se quer detectar uma relação” (BECHARA, 1976 *apud* PAULIUKONIS, 1988, p.68-9).

### 3.2.7. Garcia

Garcia (1968) vê a coordenação gramatical como subordinação psicológica, quando define: “dependência semântica mais do que sintática observa-se também na coordenação, salvo apenas, talvez, no que diz respeito às conjunções **e, nem, ou**” (GARCIA, 1968 *apud* PAULIUKONIS, 1988, p.70).

### 3.2.8. Borba

Borba (1984) compartilha da opinião de Garcia (1968) em que, “por fazerem parte de um conjunto em que as ideias se interdependem, deve-se falar apenas de orações subordinadas.” O autor propõe uma diferença de grau na classificação das coordenadas: “copulativas são as coordenadas por excelência, havendo ainda as que indicam contraposição de juízos e exclusão de ideias. As que demonstram **conclusão** ficam melhor classificadas entre as **subordinadas**.” Finalizando, ele reconhece que é difícil traçar um limite rígido entre coordenação e subordinação do ponto de vista semântico, sugerindo que a nomenclatura deva se referir apenas ao critério sintático (BORBA, 1984 *apud* PAULIUKONIS, 1988, p.70-1).

Sintetizando a conceituação dos gramáticos, temos:<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Levantamos aqui as propostas de autores tradicionalmente estudados entre estudantes brasileiros.

a) quanto aos conectores conclusivos:

- conjunção coordenativa: Rocha Lima (1983); Cunha (1970); Cunha & Cintra (2007); Bechara (2009);

- adjuntos conjuntivos: Azeredo (2008a) e (2008b);

- advérbios juntivos: Neves (2000).

b) quanto à vinculação explicativa-conclusiva:

- coordenação: Rocha Lima (1983); Cunha (1970); Cunha & Cintra (2007); Neves (2000);

- parataxe: Said Ali (1971); Câmara Jr. (1986);

- subordinação: Borba (1984); Garcia (1968);

- coordenação (parataxe) e subordinação: Bechara (2009);

- coordenação de subordinadas: Azeredo (2008a) e (2008b).

No próximo capítulo abordaremos os pressupostos teóricos e metodológicos em que se fundamenta.

## 4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

### 4.1. Pressupostos teóricos

Este estudo se baseia em três modelos complementares: a Teoria da Variação, o Funcionalismo linguístico e a análise do discurso argumentativo. A Teoria da Variação é proposta por William Labov (1972).

#### 4.1.1. Sociolinguística e Teoria da Variação

A Sociolinguística variacionista é uma área da linguística que estuda o uso real da língua, como meio de comunicação social no interior da comunidade de fala. Ou seja, é um modelo linguístico que vê a língua em ação no contexto social.

Este ramo da Sociolinguística tem como objeto de estudo o uso variável entendido como um princípio geral e universal. Ela parte do pressuposto de que alternâncias de uso se correlacionam estatisticamente a variáveis sociais e estruturais. A variação entre língua e sociedade é inerente às línguas humanas e não se submete a imposições uniformizadoras (MOLLICA, 2004, p.9-10).

A Teoria da Variação permite estabelecer a estabilidade ou mutabilidade na passagem do tempo, nos usos em todos os níveis: fonético-fonológicos, morfológicos, sintático e discursivo<sup>13</sup> e sociais<sup>14</sup>. A correlação estatística entre formas variáveis e os contextos que favorecem ou inibem o seu uso permite identificar as regularidades da língua em termos quantitativos (LABOV, 1972 *apud* FIGUEIREDO, 2007).

Assim, o objetivo primeiro é identificar os contextos relevantes para o uso das variantes em detrimento das demais. A Teoria da Variação usa o método quantitativo: ela

---

<sup>13</sup> Como o gênero discursivo.

<sup>14</sup> Como o nível sócio-econômico dos leitores do jornal.

formula hipóteses sobre o efeito de contextos linguísticos e extralinguísticos, operacionalizados como grupos de fatores sobre a escolha de uma variante.

De acordo com Labov (1972 *apud* FIGUEIREDO, 2007), é possível reconhecer os membros de uma comunidade linguística pelo fato de que eles partilham de um conjunto de normas de uso que são expressos ora pelos julgamentos explícitos ora pela uniformidade dos esquemas de variação observados na sua produção linguística. Em uma mesma comunidade linguística pode haver variação linguística entre grupos sociais, com padrões linguísticos distintos dos prescritos oficialmente. A partir de métodos de investigação rigorosamente construídos, o modelo de Labov permite identificar, analisar e explicar a regularidade destas variações.

Dentro deste quadro, podemos dizer que sempre ocorre o conector *portanto* no contexto de presente do indicativo na oração é porque não ocorreu variação. Se, porém, ocorrer tanto *portanto*, quanto outro conector conclusivo ou mesmo se não houver conector ligando explicativa-conclusiva há variação e, assim, pode-se pesquisá-la com base na Teoria da Variação.

#### **4.1.2. Funcionalismo linguístico**

O funcionalismo é uma corrente linguística derivada do estruturalismo, que se desenvolveu a partir dos anos 30 no Círculo Linguístico de Praga e a cuja criação estão ligados os nomes de N. Trubetzkoi e R. Jakobson. Retomado pelos Funcionalistas europeus e norte-americanos, o modelo vem-se desenvolvendo em diferentes escolas.

Givón (1984 *apud* NEVES, 2004) tem por objetivo a organização de um quadro sistemático e abrangente de sintaxe, semântica e pragmática unificadas. O autor defende uma gramática internamente estruturada e não uma lista de níveis isolados entre si. Existe uma

hierarquia entre os diversos níveis e inter-relações que levam em consideração a proximidade de alguns níveis em detrimento de outros. Para Givón, a sintaxe é tida como a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica e a pragmática.

Todas as manifestações linguísticas devem possuir uma estrutura temática coerente, já que o objetivo primeiro das manifestações linguísticas é a comunicação. Esta estrutura é observável na frase e no discurso. O discurso, sendo de natureza multiproposicional, deve permitir a identificação das estruturas hierárquicas de proposições (GIVÓN, 1984 *apud* NEVES, 2004).

Ao observarmos esta hierarquia, entramos em contato com as regras do discurso, que não devem ser quebradas para que *não haja quebra da estrutura temática e para que haja coesão e coerência na comunicação* (NEVES, 2004, p.25).

Xavier & Mateus (1992, p.185 e 194) definem *Gramática funcional* como uma teoria alternativa a um modelo formalizado do estudo das línguas e que se baseia numa perspectiva pragmática da língua como forma de interação social.

De acordo com Cunha (2008):

O funcionalismo é uma corrente lingüística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. (...)

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa - que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo - a motivação para os fatos da língua (p.157).

A autora ressalta que: “A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (CUNHA, 2008, p.157).

Este trabalho de pesquisa se remete à abordagem funcionalista na medida em que procura explicar as regularidades discursivas nas situações de uso variável guiando-se por seus pressupostos.

A língua é um instrumento de comunicação entre os seres humanos. Ressalve-se que o conceito de comunicação não está restrito à transmissão de informação, mas sim engloba toda uma variedade de funções que ocorrem nas sociedades humanas, incluindo a organização e a manutenção das relações sociais (BUTLER, 2003, p.3 *apud* CORIOLANO, 2009, p.15).<sup>15</sup>

De acordo com Nichols (1984) o objeto de estudo do funcionalismo é todo o complexo de padrões que constituem a língua, devendo-se relacionar essa complexidade de padrões ao seu uso nas atividades comunicativas. Para a linguista, a situação comunicativa motiva, restringe, explica e determina a estrutura gramatical. Desta forma, o estudo do sistema deve acontecer dentro da perspectiva do uso.

A seguir, sintetizamos algumas das principais propriedades do funcionalismo, apresentando as sete características listadas por Butler:

- 1) Ênfase na língua como meio de comunicação humana em contextos sociais e psicológicos;
- 2) Rejeição, total ou parcial, da assunção de que o sistema linguístico é arbitrário e auto-suficiente, em favor de explicação funcional em termos de fatores cognitivos, sócio-culturais, fisiológicos e diacrônicos;
- 3) Rejeição, total ou parcial, da assunção de que a sintaxe é um sistema auto-suficiente, em favor de uma abordagem segundo a qual a semântica e a pragmática são consideradas centrais e a sintaxe é concebida como um meio para expressar significados e que é parcialmente motivada por esses significados;
- 4) Reconhecimento do caráter não-discreto da classificação linguística e, de maneira mais geral, reconhecimento da importância da dimensão cognitiva;
- 5) Preocupação com a análise de textos e seus contextos de uso;
- 6) Grande interesse pela tipologia;

---

<sup>15</sup> BUTLER, Christopher. Functionalist approaches to language. In: BUTLER, Christopher. *Structure and Function: A guide to three major structural functional theories*. Part I: Approaches to the simplex clause. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

7) Adoção de uma visão construcionista de aquisição da linguagem.

(Adaptado de BUTLER, 2003, p.29 *apud* CORIOLANO, 2009, p.16).

O funcionalismo se fundamenta em princípios analíticos, tais como *iconicidade*, *marcação*, *transitividade*, *planos discursivos*, *informatividade*, *gramaticalização*, dentre outros. Dentre os conceitos funcionalistas relevantes para nosso trabalho estão a noção de *iconicidade*, *marcação*, *planos discursivos* e *gramaticalização*.

O princípio da *iconicidade* é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico e seu significado. Para o subprincípio da *proximidade*, conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estão mais integrados na estruturação linguística. (GIVÓN, 1990 *apud* CUNHA, 2008, p.167).

O princípio da *marcação* contrasta dois elementos: um marcado e o outro não-marcado: o elemento marcado exibe uma propriedade ausente no outro termo que é considerado não-marcado. As formas não-marcadas são caracterizadas: 1) por ocorrerem com maior frequência na língua; 2) por possuírem um amplo contexto de ocorrência; 3) por apresentarem uma forma simplificada e 4) por serem adquiridas mais precocemente (CUNHA, 2008, p.170).

A distinção entre *Planos discursivos* relaciona-se com a coexistência, na sequência de um texto, de dois campos: o que é central (figura) e o que é periférico (fundo).

Por figura entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, *realis*, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já fundo corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p.39).

A *gramaticalização* foi inicialmente definida (MEILLET, 1912 *apud* LONGHINTHOMAZI, 2009), como a passagem do léxico para gramática. A ideia de unidirecionalidade

vem sendo questionada nos últimos anos. No entanto, não cabe nos limites deste trabalho nos deter nesta questão.

Os operadores argumentativos, resultados de processo de gramaticalização, passam a organizar de forma lógica as ideias do texto, estabelecendo, entre cláusulas e pedaços maiores de texto relações de sequencialidade temporal de *causa/efeito* (grifo nosso), de condição, etc.

Em síntese, a gramática é *acessível às pressões do uso*. Nos termos de Neves (2004, p.15), funcionalismo linguístico leva em consideração a capacidade dos indivíduos em usar e interpretar, e não apenas em codificar ou decodificar.

Desta forma, tentamos apontar a estreita conexão entre Funcionalismo Linguístico e Teoria da Variação Linguística. Tanto um quanto o outro estão preocupados em estudar e analisar o uso da língua no contexto social, onde a mesma é considerada em sua dinamicidade e heterogeneidade.

Com base nos pressupostos funcionalistas, podemos investigar os fenômenos variáveis levando em consideração a interação entre diversos níveis linguísticos e as funções correlacionadas aos contextos linguísticos (estruturais e discursivos) e extralinguísticos. A análise de nossos dados e interpretação dos resultados estatísticos se baseia em grande parte em alguns conceitos funcionalistas.

#### **4.1.3. Análise do discurso argumentativo**

Desde a Retórica de Aristóteles<sup>16</sup> até o século XX com estudos da Análise de conversação (SCHIFFRIN, 1987) ou da Argumentação (PERELMAN–TYTECA, 1988)

---

<sup>16</sup> Aristóteles divide a argumentação em: a) exórdio (introdução); b) narração (argumentação propriamente dita); c) provas (sustentação através de comprovação) e d) peroração (conclusão).

inúmeros trabalhos procuram estabelecer os aspectos formais e semânticos da Argumentação (cf. Gryner, 2000).

Pode-se definir a argumentação (ADAM, 2008, p.189), de modo abrangente como a expressão de um ponto de vista, em vários enunciados ou em um único, ou ainda em uma única palavra. Seus conectores “associam as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa dos enunciados”.

Lavandera (1990, cap.7, p.117), em um texto sobre discurso argumentativo comenta a relevância do discurso argumentativo para a linguística, dado que mobiliza peculiarmente diversos aspectos: flexão verbal (modo, tempo, aspecto etc); modos de incorporar o *Outro* no relato (discurso direto, indireto); ordem das palavras, conectores, e modos de relacionar os discursos.

Os textos são encarados pela autora como processos dinâmicos que têm lugar no tempo. No discurso existe uma tensão dialética muito forte entre semelhança e diferença. Por um lado o falante encontra as semelhanças e por outro marca as diferenças. Quando a diferença é muito grande se estabelece uma comparação e quando estabelece semelhanças, tem que diferenciar.

Gryner (2000) analisa a variação nas estruturas argumentativas no português falado, com dados coletados em situações espontâneas de entrevista. O *corpus* é constituído de textos de sequências argumentativas com falantes de diferentes grupos de idade, escolaridade e de ambos os gêneros, que foram definidos como tal pela presença de orações condicionais.

Gryner (2000) propõe uma estrutura argumentativa básica composta por:

- *Posição*, que expressa o ponto de vista a ser defendido;
- *Justificação*, expressa geralmente por oração que introduz conectivo causal (*porque* ou *que*);

- *Sustentação*, é o núcleo da argumentação. Ela pode ser de *especificação* (constituída por uma asserção restringida por condicional posposta ou de alternância entre duas ou mais condicionais) ou de *exemplificação* (com a presença de elementos como, *por exemplo, vamos supor*, etc);

- *Contraste*, oposição entre duas categorias;

- *Conclusão*, que encerra o desenvolvimento da sequência argumentativa.

Caracteriza-se por retomar parcial ou totalmente o conteúdo de posição;

- *Avaliação* (ou *coda*), que vem no fim da sequência argumentativa e expressa a atitude do locutor.

Representando através de um fluxograma, Gryner (2000) propõe uma estrutura variável constituída por categorias argumentativas e sua correlação com contextos linguísticos e sociais, onde demonstra a regularidade do uso dessas categorias.

Relevante para este trabalho: a relação (potencialmente recorrente) entre explicação e conclusão, e mesmo *coda*. E, além disso, como propõe Adam (2008, p.189) a distinção entre dois planos: argumentação e tese (retomada na conclusão).

Pauliukonis (1988), em tese de doutorado, compara e distingue polifonia e argumentação (p.53). Para a pesquisadora, uma análise que se proponha a definir a diferença entre sentido e significação dirá que aquele se prende ao sistema, ao passo que esta se refere ao uso linguístico, ou melhor, aos efeitos da enunciação, na qual está presente o ponto de vista do sujeito enunciador.

Quanto à função argumentativa da comparação focalizada pela autora, sugere que a argumentação, considerada como *uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas pré-existentes*, tem por fim conseguir a adesão de um auditório às teses defendidas pelo sujeito do discurso:

Não é demais acrescentar que certos operadores argumentativos não podem ser explicados apenas pela sua relação com o sistema de que fazem parte, mas são elementos cujo referencial constitui uma atitude dos locutores diante do dito ou do implícito.

É relevante observar que o uso dos operadores argumentativos ativa o *contínuo* das significações, a partir do que então, a língua pode ser vista como um conjunto infinito de enunciações e não como um conjunto de enunciados lógicos. (PAULIUKONIS, 1988, p.56)

Do que foi visto até aqui, as três bases teóricas para o estudo das conclusivas parecem convergentes.

## **4.2. Pressupostos metodológicos**

Dentro da perspectiva da Sociolinguística Quantitativa adotamos os procedimentos para obtenção, levantamento e tratamento dos dados já que se trata de análise empírica dos conectores encontrados no uso real da língua (GUY, 2007).

Após a definição do fenômeno – a variação entre conectores conclusivos – e o âmbito de uso a ser pesquisado – textos publicados em periódicos cariocas passamos à pesquisa propriamente dita.

### **4.2.1. Caracterização da amostra e obtenção dos dados**

A amostra utilizada foi extraída do banco de dados do PEUL/UFRJ - Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua da UFRJ, que congrega um grupo de pesquisa dedicado principalmente no estudo da variação no português da cidade do Rio de Janeiro.

A amostra é composta de textos escritos da mídia impressa, extraídos de quatro periódicos cariocas, compreendendo os anos de 2002 a 2004. Os periódicos *Extra* e *O Povo*

compreendem os anos de 2003 e 2004 enquanto os periódicos *Jornal do Brasil* e *O Globo* compreendem os anos de 2002 a 2004. Esses periódicos possuem traços particulares.<sup>17</sup>

Os gêneros textuais com os quais trabalhamos foram: *Crônicas* com 75 textos, *Opinião* com 100 textos e *Editorial* com 100 textos. Sabemos que o gênero textual *Crônicas* é um tipo de texto que tende ao coloquial, enquanto *Opinião* e *Editorial* são gêneros textuais basicamente argumentativos, mas em todos ocorre argumentação.<sup>18</sup>

A amostra forneceu o *corpus* – conjunto de dados com que trabalhamos. Foram encontrados 527 casos de conexão explicativa.<sup>19</sup>

Seguindo os parâmetros da Teoria da Variação, estabelecemos as variáveis a serem testadas estatisticamente:

a) Variáveis dependentes (variantes):

Foram identificadas três variantes: Conector *portanto* – 44 dados; conectores *não-canônicos* – 115 dados; conector *zero* – 368 dados. Total: 527 dados (cf. quadro 2).

b) Variáveis independentes (contextos ou grupos de fatores):

Foram propostos 10 grupos de fatores como contextos possivelmente relevantes para o uso das variantes.

---

<sup>17</sup> Sobre a amostra PEUL/UFRJ de textos midiáticos de jornais, cabe ressaltar que no gênero *Opinião*, os artigos do jornal *O Povo* têm o mesmo tema: corrida de cavalo. No gênero *Crônicas*, os artigos do jornal *O Povo* têm o mesmo tema: Carnaval. No gênero *Editorial*, os artigos do jornal *Extra* não têm título e o editorial dos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo* não têm autor.

<sup>18</sup> A pesquisa considerou ainda os gêneros *Coluna Social* e *Notícias & Reportagens*. Entretanto, dada a baixa frequência de dados foram excluídos da análise.

<sup>19</sup> Observe-se que foram excluídos os casos do conector *portanto* ligando sintagmas nominais porque não ocorre com as demais variantes (conectores *não-canônicos* e conector *zero*). A variável gênero/sexo também foi excluída, dado que *Editoriais* não identificam o autor.

Periódicos	<i>Crônicas</i>	<i>Opinião</i>	<i>Editorial</i>	<b>Total</b>
<i>Jornal do Brasil</i>	98	56	40	<b>194</b>
<i>O Globo</i>	84	36	29	<b>149</b>
<i>Extra</i>	-	74	23	<b>97</b>
<i>O Povo</i>	54	28	5	<b>87</b>
<b>Total</b>	<b>236</b>	<b>194</b>	<b>97</b>	<b>527</b>

Quadro 2  
Distribuição dos dados por periódicos e gêneros discursivos

#### 4.2.2. Tratamento dos dados

Usamos o método de análise multivariada. Este “modelo incorpora a ideia de que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes, tanto linguísticas quanto extralinguísticas (sociais) (GUY, 2007, p.100).

O pacote de programas Goldvarb (2001) seleciona e ordena os grupos de fatores relevantes para o uso da variante indicada e nos dá o valor de aplicação da regra em cada contexto. Além disso, calcula a significância de cada rodada para a variante indicada.

Os grupos de fatores não selecionados constam do programa e eventualmente apresentam índices interessantes.

Em um primeiro momento, foram propostos dez grupos de fatores. São eles: 1) Periódicos; 2) Gêneros discursivos; 3) Referência temporal; 4) Explicativa; 5) Nível de

conectividade; 6) Polaridade; 7) Sequência temporal; 8) Posição do conectivo na sentença; 9) Co-referência de sujeito; 10) Gênero/sexo.<sup>20</sup>

Três grupos de fatores foram afastados: posição do conector na sentença e co-referência de sujeito, por não se mostrarem relevantes.

Como vimos, trabalhamos com três variantes, isto é, três formas de conexão conclusiva mutuamente substituíveis: *portanto* (conector canônico), conectores *não-canônicos* e conector *zero*.<sup>21</sup>

As três variantes foram analisadas pelo programa Goldvarb (2001) a fim de testarmos a frequência das três, e depois, duas a duas, a fim de testarmos o peso relativo quer da variante *portanto* em relação à variante *zero* quer da variante *portanto* em relação aos conectores *não-canônicos*.<sup>22</sup>

Foram selecionados seis grupos de fatores na rodada de *portanto vs. conector zero*. Obedecendo a ordem de seleção do programa, são: 1º) Nível de conectividade; 2º) Gêneros discursivos; 3º) Periódicos; 4º) Referência temporal; 5º) Proximidade; 6º) Polaridade. Obteve-se significância: 0,014.

Na rodada *portanto vs. conectores não-canônicos* foram selecionados três grupos de fatores: 1º) Referência temporal; 2º) Periódicos; 3º) Gêneros discursivos. Obteve-se significância: 0,000.

No que se segue, analisamos cada um dos grupos de fatores selecionados apresentando lado a lado resultados estatísticos correspondentes à *portanto vs. conector zero*. Seguido dos resultados estatísticos relativos à *portanto vs. conectores não-canônicos*. Sempre

---

<sup>20</sup> O grupo de fatores gênero/sexo foi apenas uma sugestão inicial de trabalho que não pode ser levado adiante em função do gênero *Editorial* não apresentar autor identificado. No entanto, o grupo de fatores foi testado na primeira rodada do Programa Goldvarb (2001).

<sup>21</sup> Foram encontrados 115 exemplos de conectores *não-canônicos*, isto é, a baixa frequência individual dos mesmos. Considerando que são substituíveis por *portanto* e visando testar se se comportam como conectores ou como adjuntos adverbiais, optamos por unificá-los como uma só variante.

<sup>22</sup> Observa-se que foi testada a combinação de conector *não-canônico vs. conector zero*. Entretanto, os resultados não foram relevantes.

que os resultados não selecionados apresentam índices comparáveis aos dos selecionados serão incorporados à análise.

#### **4.2.3. Análise quantitativa**

A análise quantitativa dos dados é feita pelo programa Goldvarb (2001), um programa matemático que testa além da frequência, a percentagem de ocorrência e o peso relativo, ou seja, a probabilidade de ocorrência do fenômeno a ser investigado.

O programa Goldvarb (2001), seleciona os grupos de fatores com base em cálculos matemáticos explicitados em Sankoff (1988) e Naro (2004).

Através do uso deste pacote foi possível verificar a frequência e os pesos relativos associados a cada fator e a ordem de relevância estatística de cada grupo de fatores, necessários à compreensão da regularidade da variação.

Para a análise estatística da variação, seguimos o modelo variacionista proposto por Labov (1972) (cf. Guy (2007), e Mollica & Braga (2004)).

## 5. HIPÓTESES

Apresentaremos as hipóteses relativas aos grupos de fatores. Iniciaremos pelas variáveis linguísticas seguida da variável social.

### 5.1. Variáveis linguísticas

Aqui, apresentamos os seis grupos de fatores linguísticos analisados: nível de conectividade, gêneros discursivos, referência temporal, proximidade, polaridade e sequência temporal.

#### 5.1.1. Nível de conectividade

Distingue-se a conexão conclusiva entre orações dentro do período (intrafrástica) e entre períodos dentro do texto (interfrástica).

A conexão intrafrástica caracteriza-se oralmente pela maior coesão entre explicativa-conclusiva representada na escrita pela presença da vírgula entre as duas orações. A conexão interfrástica, ao contrário, corresponde à maior separação entre explicativa e conclusiva.

Levantamos a hipótese de que maior coesão favorece o uso do *portanto*.

#### 5.1.2. Gêneros discursivos

Os gêneros discursivos avaliados se distinguem por dois traços: pessoalidade e coloquialidade.

Gêneros:	<i>Editorial</i>	<i>Opinião</i>	<i>Crônica</i>
Pessoalidade:	-	+	+
Coloquialidade:	-	-	+

Os gêneros *Editorial* e *Opinião* (caracteristicamente textos impessoais) tendem a ocorrer com o conector *portanto*, ao contrário das *Crônicas* (caracteristicamente texto coloquial) que tendem a desfavorecê-lo.

### 5.1.3. Referência temporal

A posição ou tese se apresenta geralmente no presente do indicativo, tempo das asserções genéricas, habituais e fatuais (GRYNER, 2000). A conclusão por retomar a tese do enunciador, tende a reproduzir o mesmo tempo verbal.

A repetição do tempo presente da tese, dada a semelhança entre os dois enunciados, favorece a presença do conector *portanto*. A presença de tempos verbais distintos da tese tende a desfavorecê-lo.

### 5.1.4. Proximidade

A oração explicativa que não precede imediatamente a conclusiva favorece o uso de *portanto*, ao contrário daquela que precede imediatamente desfavorece o uso do *portanto*. Givón (1990 *apud* CUNHA, 2008) distingue o subprincípio da *proximidade*, segundo o qual conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estão mais integrados na estruturação linguística.

### 5.1.5. Polaridade

Orações explicativas e conclusivas com modalidades análogas (ambas afirmativas)<sup>23</sup> por manterem a mesma perspectiva na sequência do texto, favorecem o uso de *portanto*. Orações com modalidades opostas (primeira afirmativa e segunda negativa, ou vice-versa), por quebrarem a perspectiva na sequência textual, tendem a não ocorrer com este conector.

### 5.1.6. Sequência temporal

A fixação da sequência icônica constitui uma cristalização da relação explicação-conclusão e favorece a forma canônica, ao contrário das sequências simultâneas e anti-icônicas.

A sequência explicativa-conclusiva cuja referência temporal que reproduz iconicamente a sequência antes-depois (presente-futuro; passado-presente; passado-futuro) favorece o uso de *portanto*.

A sequência anti-icônica (presente-passado; futuro-presente; futuro-passado) desfavorece o uso deste conector.

Estas hipóteses foram operacionalizadas como grupos de fatores linguísticos para testagem estatística através do programa Goldvarb (2001).

---

<sup>23</sup> Há ocorrência de apenas um caso de negativa+negativa.

## 5.2. Variável social

Propusemos aqui o único grupo de fatores extralinguísticos analisados: os periódicos.

### 5.2.1. Periódicos

Periódicos voltados para um público mais escolarizado – *Jornal do Brasil* seguido de *O Globo* – favorecem o conector *portanto*, enquanto periódicos voltados para um público menos escolarizado – *Extra* seguido de *O Povo* – desfavorecem.

A seguir, veremos a análise dos dados desta pesquisa.

## 6. ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Iniciaremos a análise pelas variáveis dependentes a que se seguem as variáveis independentes. Os grupos de fatores são exemplificados e comprovados por índices probabilísticos que serão interpretados à luz da fundamentação teórica.

Neste capítulo apresentamos as variantes e analisamos a correlação estatística entre as variantes: *portanto*, conector *não-canônico* e o conector *zero* (variáveis dependentes) e os grupos de fatores (variáveis independentes) correspondentes às hipóteses propostas.

Apreciamos inicialmente a variação entre *portanto vs. conector zero*, analisando um a um os grupos de fatores selecionados pelo programa.

Como vimos, nem sempre os grupos selecionados para estas variantes são selecionados para as variantes *portanto vs. não-canônicos*. Nestes casos, sempre que os índices o justifiquem apresentamos resultados não selecionados.

Apresentamos a seguir as variantes estudadas.

### 6.1. Variáveis dependentes

Foram analisadas três variantes: *portanto*, conector *não-canônico* e conector *zero* (cf. os exemplos (16), (17) e (18) abaixo:

#### - *portanto*

(16) Ele transformou o Complexo Penitenciário de Bangu em escritório central do crime organizado e chegou a comandar chacinas dentro e fora do presídio. Portanto, é fundamental que tudo isso seja levado em consideração pelas pessoas na hora de decidir o futuro do traficante.

[*Editorial - Extra*]

**- conector *não-canônico***

(17) Um estigma que agora pode ser relegado ao esquecimento se as novas regras forem, de fato, cumpridas. Uma das mais importantes é a que estabelece que os organizadores deverão garantir não só as condições das instalações do local do evento, como a segurança das áreas internas. Assim, em caso de brigas, as equipes de som e os clubes responderão na Justiça pelos problemas que venham a surgir em seus ambientes.

[*Editorial - Extra*]

**- conector *zero***

(18) Entretanto, não há o que comemorar: o décimo-terceiro salário é um direito do servidor público, municipal estadual ou federal, e não uma concessão ou benesse especial do governo.  $\emptyset$  O importante, daqui pra frente, é criar mecanismos para que isso não se repita jamais. Pagar o funcionalismo em dia é o mínimo que se espera de um governo.

[*Editorial - Extra*]

Em 6.1 vimos as variáveis dependentes. Seguem-se as variáveis independentes.

## **6.2. Variáveis independentes**

As variáveis independentes foram tratadas estatisticamente como grupos de fatores.

Os grupos de fatores linguísticos e extralinguístico correspondem às hipóteses do trabalho, ou seja, os contextos postulados como relevantes para a escolha das variantes.

Os resultados da análise quantitativa revelaram que as variantes conclusivas propostas se agrupam duas a duas: *portanto vs. conector zero* e *portanto vs. conector não-canônico*, ou seja, o conjunto de conectores (*e, por isso, pois, então, assim, aí, conseqüentemente*).

Como vimos, a análise de *portanto vs. conector zero* foram selecionados pelo programa os seguintes grupos de fatores (obedecendo a ordem de seleção):

a) Nível de conectividade; b) Gêneros discursivos; c) Periódicos; d) Referência temporal; e) Proximidade; f) Polaridade.

A análise de *portanto vs. conector não-canônico* selecionou:

a) Referência temporal; b) Periódicos; c) Gêneros discursivos.

Observe-se que os três grupos selecionados para *portanto vs. conector não-canônico* estão entre os seis grupos selecionados para *portanto vs. conector zero*.

No que se segue apresentamos cada um dos grupos de fatores, os resultados estatísticos e sua interpretação. Iniciamos pelos grupos de fatores linguísticos seguidos do extralinguístico.

### **6.2.1. Variáveis linguísticas**

Procedemos primeiramente à análise binária de *portanto vs. conector zero* e seguida a análise de *portanto vs. conector não-canônico*. Seguem os grupos de fatores selecionados.

#### **6.2.1.1. Nível de conectividade**

Este grupo de fatores é constituído por duas categorias:

a) Conexão Intrafrástica e b) Conexão Interfrástica.

A conexão intrafrástica é aquela entre orações dentro do período. Na modalidade escrita, a separação entre explicativa e conclusiva é representada por vírgula ou ponto e vírgula. A conexão interfrástica é aquela entre períodos dentro do texto. Por definição, é anunciada por ponto final seguido de maiúscula.

A questão da conectividade remete aos conceitos de *coesão* e *coerência*.

Segundo Xavier & Mateus (1992, p.86-7) *coesão* é propriedade semântica dos discursos que se refere ao significado que existe dentro do texto e que o define como tal, isto

é, lhe dá textura. Tal concepção está relacionada com a função textual proposta por Halliday & Hasan (1976).

Dependendo das teorias, *coesão* e *coerência* podem denotar conceitos semelhantes ou não. É possível considerar que a *coesão* é um tipo de conectividade fundamentalmente sequencial e a *coerência* é um tipo de conectividade conceptual. Há vários mecanismos de *coesão* textual, tanto gramaticais (frase, interfrases, tempo, referência) quanto lexicais.

Pauliukonis (1988, p.64) esclarece:

Se um texto é uma manifestação natural de linguagem dotada de um sentido, a textualidade, segundo Mira Mateus *é o conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser um texto (discurso).*

Dentre as propriedades principais, destaca-se a conectividade, segundo a qual, uma expressão linguística **A** está ligada a **B** de tal forma que suas interpretações semânticas são interdependentes.

A autora descreve a coesão entre coordenadas:

“Na coordenação, ligam-se duas proposições, de modo que a segunda retoma o conteúdo da primeira anaforicamente e forma com ela uma sequência sem hierarquia sintática”(p.66-7).

Seguem abaixo exemplos de conexão intrafrástica e interfrástica:

**- Conexão intrafrástica:**

- ponto e vírgula

(19) E deve ser tida como certa a punição severa do engenheiro que se recusou a inspecionar a casa de Felipe. Nada disso, no entanto, pode ser confundido com qualquer avanço na busca de solução do problema permanente. Ele é localizado nas cidades grandes e médias; portanto, trata-se de preocupação obrigatória em todos os níveis de governo.

[Editorial - O Globo]

- vírgula

(20) Este é um ano de muita felicidade para nós, por isso queremos dividi-la com essas jovens. A Escola vai dar o vestido, o sapato, o bolo, o buffet, enfim tudo o que essas jovens merecem para que seus sonhos sejam completos.

[*Crônicas - O Povo*]

- **Conexão interfrástica:**

- ponto

(21) Ou seja, todos precisam ser iguais perante a nova previdência; o teto da seguridade oficial tem de ser comum a todos, e acima dele as complementações deverão sair de fundos de pensão constituídos para tal. O tempo passa e a cada ano o déficit previdenciário aumenta. Portanto, a reforma do sistema é urgente. Cabe, agora, ao governo recolocar o assunto no bom caminho e esclarecer de uma vez por todas que a situação não permite privilégios, nem exceções.

[*Editorial - O Globo*]

(22) Para isso foi necessária a informação de que o conceito de direito adquirido já havia sido discutido no STF. E que, com um único voto contrário - o do próprio ministro Marco Aurélio Mello - foi dada ao conceito uma interpretação sensata: apenas os servidores aposentados e aqueles em condições legais de sair do serviço ativo têm direito a beneficiar-se de normas antigas. Assim, confirma-se a existência de sólido embasamento legal para a realização da imprescindível reforma da seguridade pública.

[*Editorial - O Globo*]

- início de parágrafo<sup>24</sup>

(23) A redução dos juros vai diminuir o custo do financiamento da dívida pública e ampliar a oferta de crédito, fatores que associados a uma gradual recuperação da renda e do emprego deverão trazer impactos positivos sobre o nível da demanda.

Portanto, um cenário de crescimento para a economia brasileira em 2004 já está dado, até porque a base de comparação é bastante baixa, com o fraco desempenho do ano passado.

[*Crônicas - Jornal do Brasil*]

---

<sup>24</sup> Tivemos apenas um caso de conexão interfrástica com o *portanto* no início de parágrafo.

(24) O motivo das luvas? É que sou um socador compulsivo em jogos desse teor. Um esmurrador de paredes com várias entradas no Miguel Couto.

E que venham os touros, mas que venham com a costumeira fúria. Não me decepcionem.

[*Opinião - Extra*]

(25) A desativação merece prioridade, pois o terminal é um velho produtor de desastres ecológicos.

Ø A Petrobrás pode pensar com largueza e aproveitar a região privilegiada para construir em Angra um paraíso ecológico que seja paradigma universal.

[*Editorial - Jornal do Brasil*]

Como vimos, esse grupo de fatores foi o primeiro a ser selecionado pelo Programa Goldvarb como estatisticamente relevante. Os resultados da análise quantitativa encontram-se nas tabelas (2a) e (2b):

Tabela 2a  
Efeito do nível de conectividade no uso de *portanto* vs. conector *zero*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Intrafrástica	20/65	30%	.95
Interfrástica	24/347	7%	.35

Os índices da tabela (2a) revelam que a conexão intrafrástica favorece fortemente o uso do *portanto* (.95), em detrimento do conector *zero*. A função coesiva da entoação é maior na conexão do tipo intrafrástica – uma curva entoacional. Visto por outro ângulo, o desfavorecimento da variante *zero* neste contexto talvez se deva à ambiguidade com simples aditivas desfeita pelo conector.

Inversamente *portanto* é desfavorecido em conexões interfrásticas (.35), onde a quebra em duas curvas entoacionais favorece a interpretação conclusiva.

Segundo Halliday & Hasan (1976, p.232-3), a modalidade escrita tem suas próprias convenções, e a transcrição da entoação através da pontuação é uma delas. Vale ressaltar que esta convenção não é rígida e que a variação na oralidade tende a ser transposta para a escrita.

É interessante comparar os resultados da variação *portanto* vs. conector *zero* às da variação *portanto* vs. conector *não-canônico*.

Tabela 2b  
Efeito do nível de conectividade no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Intrafrástica	20/59	33%	.59
Interfrástica	24/100	25%	.44

Observa-se que apesar da menor polarização, há analogia entre as duas tabelas. Isto revela a semelhança entre o uso do conector *zero* e do conector *não-canônico*, isto é, em última instância, a não gramaticalização destes conectores.

#### 6.2.1.2. Gêneros discursivos

Como vimos nos pressupostos metodológicos, o *corpus* deste trabalho é constituído pelos gêneros discursivos: *Editorial*, *Opinião* e *Crônicas*.

Sobre gênero, Bazerman (1994 *apud* MARCUSCHI, 2008, p.16) considera:

(...) apesar de nosso interesse em identificar os gêneros e classificá-los, parece impossível estabelecer taxonomias e classificações duradouras. O estudo dos gêneros é uma fértil área interdisciplinar. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Existe uma grande variedade de teorias de gêneros no momento atual, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável.

Muitos têm sido os esforços de categorizar tanto a noção de gênero como suas classificações. Estas classificações hoje são muitas e com variadas perspectivas.

Bonini (2008, p.51) diz que o jornal é um exemplo de suporte<sup>25</sup> convencionalizado de *hiper-gênero*, uma vez que é um gênero constituído por vários outros.

O jornal apresenta uma abertura e um conjunto de seções organizadas de modo mais ou menos característico.

O autor analisa uma amostra de trinta (30) exemplares do *Jornal do Brasil* de janeiro de 2000. A comparação dos exemplares revelou uma estrutura de grandes seções *fixas* e *variáveis*. As fixas são diárias e as variáveis são esporádicas aparecendo em um ou dois dias da semana. As grandes seções são divididas em seções menores. O autor declara que o levantamento dos gêneros que ocorriam dentro dos jornais só foi possível em função das pesquisas realizadas no PROJOR<sup>26</sup> sobre gêneros específicos (reportagens, nota, nota-consulta), o que possibilitou alguma clareza quanto ao modo como os gêneros do jornal se caracterizam e se distinguem.

Bonini (2008, p.52) apresenta um quadro com a estrutura de seções fixas e variáveis através das grandes seções, das seções e das subseções. Entre as seções fixas encontra-se o gênero *Opinião*.

O autor fez um mapeamento do *Jornal do Brasil*, onde se evidenciou a ocorrência de quarenta e dois (42) gêneros. Os gêneros foram categorizados em *centrais* e *periféricos* (quanto maior ou menor proximidade dos propósitos principais do jornal) e, os *centrais*, em *presos* e *livres* (quanto ao papel que desempenham na estruturação do suporte do jornal).

---

<sup>25</sup> Sobre suporte o autor define como uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de colocar esse gênero em circulação (BONINI, 2008, p.51).

<sup>26</sup> PROJOR – Projeto Gêneros do jornal (BONINI, 2004a) que recorre à teoria de John M. Swales (1990, 1992, 1998) – autor que define gênero como “uma classe de eventos comunicativos” (BONINI, 2008, p.51).

O autor não garante que todos os gêneros identificados sejam de fato “gêneros”. Em decorrência da “criatividade”, alguns textos não revelam claramente um gênero, não há garantias de que ocorram em outros jornais e que tenham estabilidade.

Bonini (2008, p.54) apresenta um segundo quadro em que arrola os gêneros que ocorreram em dois exemplares de análise. Na categoria dos gêneros centrais – presos encontra-se o *Editorial*, e na categoria dos gêneros centrais – livres encontra-se o *artigo de Opinião* e a *Crônica*. Na categoria dos gêneros periféricos, dentre outros estão o anúncio de *evento* e a *palavra cruzada*.

O autor chega à conclusão de que as fronteiras entre os gêneros são frouxas, em função da forma como a enunciação se dá. Os gêneros se misturam e não é claro definir o que é gênero e o que é seção, o que dificulta a explicação de um gênero particular, pois existe um entrelaçamento dos gêneros. O autor conclui que o gênero dificilmente é delimitado em unidades isoladas.

Observa-se no gênero Crônicas traços coloquiais como discurso direto, menção a eventos pontuais. Embora se trate de argumentação, as características do texto são basicamente narrativas. Isto explica o índice mais baixo do conector *portanto*, forma canônica de argumentação, em favor da ausência da marca de conexão, variante *zero*, próprias da fala informal.

Inversamente, em *Editorial* e *Opinião* os índices de *portanto* são mais altos. Trata-se de gêneros opinativos e se opõem pela fonte do compromisso com o enviado. No *Editorial*, embora represente o ponto de vista do jornal, a responsabilidade não é individualizada ou explicitada, ou seja, é atribuída à comissão do editorial. Na *Opinião* o texto é assinado, tem o compromisso do articulista.

Os Editoriais se caracterizam pela impessoalização, voz passiva, tratamento de assuntos genéricos e abstratos. As Opiniões se caracterizam pelo envolvimento do

enunciador: verbos modais, orações hipotéticas, temas polêmicos, vistos pelo prisma do enunciador.

### **Crônicas:**

(26) Não vejo por que, então, discriminar o "bingo". Dei parecer favorável ao projeto do deputado Gilmar Machado, pois permite combater os efeitos anti-sociais da atividade com instrumentos que, hoje, não existem.

No famoso episódio da instituição, na Roma antiga, do imposto sobre as latrinas públicas, o imperador Vespasiano respondeu às críticas de seu filho Tito com a célebre frase: o tributo *non olet* (não cheira).  $\emptyset$  Creio que é melhor tributar atividades que se encontram na linha limítrofe entre o regular e o irregular do que permitir que criminosos as explorem, impunemente, utilizando sua receita - não controlada - para atividades ilícitas, inclusive para a corrupção.

[*Crônicas - Jornal do Brasil*]

### **Opinião:**

(27) Dessa maneira, não seria necessária a criação de um órgão, de duvidosa constitucionalidade, pois, segundo o artigo 20º da Carta Magna brasileira, os poderes da União (Legislativo, Executivo e Judiciário) são independentes e harmônicos entre si.

Como, portanto, criar-se um órgão que, sem ter as prerrogativas do Judiciário, a ele se sobreponha? De que natureza será esse órgão? Ou será mais um poder da União?

[*Opinião - Jornal do Brasil*]

### **Editorial:**

(28) De fato, não há como o presidente eleito aceitar uma renegociação da dívida de estados e municípios, por exemplo, sem que o governo federal transfira - em decorrência de uma reforma tributária - mais responsabilidades para o âmbito de governadores e prefeitos. Nesse caso, a União poderia abrir mão de receitas, pois estará também se desvinculando de despesas ou transferências obrigatórias para cofres estaduais e municipais. Portanto, o momento continua a austeridade fiscal.

[*Editorial - O Globo*]

Este grupo de fatores foi selecionado pelo Programa Goldvarb. Os resultados da análise estatística encontram-se nas tabelas (3a) e (3b):

Tabela 3a  
Efeito de gêneros discursivos no uso de *portanto* vs. conector *zero*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Crônicas</i>	8/194	4%	.28
<i>Opinião</i>	21/152	14%	.64
<i>Editorial</i>	15/66	22%	.79

Os índices revelam que *Editorial* é o contexto que mais favorece o uso de *portanto* (.79).

Tabela 3b  
Efeito de gêneros discursivos no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Crônicas</i>	8/52	16%	.23
<i>Opinião</i>	21/63	34%	.66
<i>Editorial</i>	15/44	33%	.62

Os índices revelam que *Opinião* e *Editorial* favorecem o uso de *portanto* (.66) e (.62) e que *Crônicas* o desfavorecem (.23).

As taxas da tabela (3a) confirmam a hipótese de que há uma escala entre os gêneros: a variante *portanto* tende a ocorrer mais em Editoriais (.79) seguido de Opinião (.64), sendo menos provável em Crônicas (.28) (a escala inversa favorece a variante *zero*).

Pode-se interpretar estes resultados como uma oposição entre os gêneros basicamente argumentativos (*Editorial* e *Opinião*) e basicamente não argumentativos (*Crônicas*).

As taxas da tabela (3b) assemelham-se à anterior. Nota-se, no entanto, a neutralização entre *Opinião* (.66) e *Editorial* (.62), ou seja, a questão do envolvimento do articulista não é pertinente quando se trata do uso de *portanto* vs. *não-canônico*.

### 6.2.1.3. Referência temporal

O grupo de fatores referência temporal é constituído pelas formas verbais da oração conclusiva. a) presente do indicativo; b) não-presente.

Vários tempos verbais foram registrados. Entretanto, dado o número insignificante de dados para cada caso particular agrupamos os menos frequentes como não-presente (do indicativo). O grupo fica, portanto, com duas categorias.

Pesquisamos o seu efeito na escolha da variante.

#### - Presente:

(29) A função dos responsáveis pelo trânsito é muito mais educativa que punitiva. Portanto, é fundamental que a prefeitura apresente à população os resultados práticos do uso destas engenhocas eletrônicas.

[Editorial – Extra]

(30) Não custa notar também que, com todos os senões, no Rio já houve pelo menos uma operação policial importante e bem-sucedida que contou com a participação do "Pax Rio" - a captura do traficante Elias Maluco.

Assim, a decisão é pelo menos precipitada.

[Editorial – Extra]

(31) Infelizmente, este não é um assunto novo entre nós. Nos últimos 20 anos a economia brasileira cresceu em média pouco mais de 2% ao ano. É um grande contraste com o nosso passado de crescimento médio de 7% ao ano, ou de outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia do Sul.

Ø A questão principal é saber se a nossa perspectiva futura é uma repetição do passado recente, pouco recomendável, ou se a economia brasileira tem condições de virar o jogo.

[Crônicas – Jornal do Brasil]

**- Não-presente:**

(32) Mas não deixa de ser interessante entregar a chave da cidade para alguém que não tenha uma silhueta tão avantajada. Além do mais, as marcas do carnaval são a alegria e a fantasia. Portanto não haveria problema em engordar artificialmente o Rei Momo com enchimentos na fantasia. Como toda novidade, vale a pena ser testada e avaliada pelo grande júri do carnaval, que é a população do Rio.

[Editorial – Extra]

(33) É tempo de mudança. A república dos bacharéis pertence ao passado. A maioria dos eleitores se identifica com Lula na origem, na formação e nos dramas pessoais. Lula é acima de tudo um igual, um brasileiro que conseguiu vencer duras batalhas. Por isso, tornou-se sinônimo de esperança.

[Editorial – Jornal do Brasil]

(34) Esse desempenho deverá favorecer o crescimento das exportações brasileiras. Ø A balança comercial deverá pelo menos repetir o saldo positivo do ano passado, com um superávit próximo de US\$ 25 bilhões.

[Crônicas – Jornal do Brasil]

Este grupo de fatores selecionado revelou-se estatisticamente relevante para o uso de *portanto* vs. conector *zero*. Os resultados da análise quantitativa encontram-se nas tabelas (4a) e (4b):

Tabela 4a  
Efeito de referência temporal no uso de *portanto* vs. conector *zero*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
presente	42/324	13%	.61
não-presente	2/88	2%	.14

Os índices da tabela (4a) revelam que o contexto verbal que mais favorece o uso de *portanto* nas conclusivas é o presente do indicativo. Ao contrário, as demais formas/significados verbais desfavorecem esta variante.

Como vimos, Gryner (2000) apresenta uma proposta de estrutura argumentativa constituída por categorias argumentativas variáveis. Os argumentos se situam entre a posição (tese) e a conclusão.

A posição, único constituinte indispensável à argumentação, é a asserção básica sustentada pelo locutor. Expressa a tese ou ponto de vista a ser defendido pelo locutor e apresenta verbo no indicativo (cf. Gryner 2000).

Tabela 4b  
Efeito de referência temporal no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
presente	42/130	33%	.59
não-presente	2/29	6%	.15

Os resultados da tabela (4b) confirmam o que foi dito acima sobre *portanto* vs. conector *zero*.

#### 6.2.1.4. Proximidade

Este grupo de fatores se relaciona ao princípio da iconicidade, mais especificamente à questão da proximidade. Partimos da hipótese de que a distância entre explicativa e conclusiva interfere no uso das variantes. Assim, quanto maior a distância maior a probabilidade de ocorrer o conector *portanto*.

Foram propostas duas categorias:

- a) Próxima: a oração explicativa precede imediatamente a conclusiva;
- b) Distante: a oração explicativa precede não imediatamente a conclusiva.

A distância decorre da intermediação de outras orações, por exemplo, adjetivas, hipotáticas, subordinadas, entre outras.

Paiva (1991) focaliza a organização sintagmática dos enunciados causais–relação causa/efeito - no discurso oral.

*Eles xingaram a professora e a diretora escutou.* (causa)  
*Colocou a gente meia-hora de castigo.* (efeito) (PAIVA, 1991, p.10)

Em outros casos a combinação se dá entre uma cláusula explicativa, em que se apresenta um argumento que conduz à conclusão. Neste caso, não se exclui a possibilidade de atribuir-lhe tanto significado causal quanto explicativo.

- *Minha mãe foi criada na roça.* (apresenta um argumento)  
 - *Então ela não teve estudo mesmo.* (conclusão) (PAIVA, 1991, p.10)

Vejamos exemplos encontrados na escrita midiática:

#### **a) Oração explicativa precedente imediata**

(35) *O voto é a maior arma do eleitor. Portanto,* é fundamental que a população examine com calma e critério as propostas, reflita sobre cada uma delas, confira se as promessas na eleição passada de fato foram cumpridas e principalmente, não se deixe levar por apelos meramente eleitoreiros.

[Editorial – Extra]

(36) Nada, porém, justifica a reação como a do piloto de avião. Um brasileiro que tivesse reação semelhante ao desembarcar em algum aeroporto dos Estados Unidos certamente também seria punido. *São atos indignos, que ofendem o país e, por isso,* não merecem tolerância e devem ser avaliados pela justiça.

[Editorial – Extra]

(37) Um caso típico para o Procon, independentemente de o futebol ser o esporte de massas, o mais popular do país, paixão que arrebatava multidões. *Evidentemente que trata-se de um golpe contra o torcedor, equivalente a um gol de mão ou uma entrada desleal.*  $\emptyset$  Uma iniciativa que merece cartão vermelho e fim de papo.

[Editorial – Extra]

### b) Oração explicativa precedente não-imediata

(38) *De fato, não há como o presidente eleito aceitar uma renegociação da dívida de estados e municípios, por exemplo, sem que o governo federal transfira - em decorrência de uma reforma tributária - mais responsabilidades para o âmbito de governadores e prefeitos. Nesse caso, a União poderia abrir mão de receitas, pois estará também se desvinculando de despesas ou transferências obrigatórias para cofres estaduais e municipais. Portanto, o momento continua a austeridade fiscal.*

[Editorial – O Globo]

(39) *Faltou lembrar que a geração de empregos passa pela desoneração da sociedade brasileira em relação ao Estado. Além da carga tributária, toda uma sorte de exigências burocráticas impede as empresas de ampliarem o contingente de empregados. Fica, pois, a contribuição do *Balanco Mensal*: o crescimento ajuda, mas não basta para reduzir as taxas de desemprego.*

[Editorial – Jornal do Brasil]

(40) *A população espera de seus governantes, no ano que se inicia hoje, o empenho necessário à solução dos graves problemas que afetam o estado como um todo, nas mais diferentes áreas. Ø Que as boas idéias de 2003 sejam perpetuadas e os problemas, enfrentados com disposição e seriedade; que as falhas não sejam simplesmente esquecidas ou ignoradas: devem ser consideradas até para não serem repetidas.*

[Editorial – Extra]

Este grupo de fatores foi selecionado pelo Programa Goldvarb. Os resultados da análise quantitativa encontram-se nas tabelas (5a) e (5b):

Tabela 5a  
Efeito da proximidade no uso de *portanto* vs. conector zero

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
imediata	12/104	11%	.24
não-imediata	32/308	10%	.59

Os índices da tabela (5a) confirmam a hipótese de que o uso de *portanto* é favorecido quando oração explicativa não precede imediatamente a conclusiva.

Ao contrário, quando a oração conclusiva é precedida imediatamente pela explicativa a tendência é não usar este conector, favorecendo, portanto, o conector *zero*.

Estes resultados refletem o princípio da iconicidade, segundo o qual conteúdos distantes são expressos por formas também distantes. A presença de *portanto* separa fisicamente orações semanticamente mais distantes.

Quanto à variação entre as variantes *portanto* e conectores *não-canônicos*, os resultados são semelhantes (cf. tabela (5b)).

Tabela 5b  
Efeito da proximidade no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
imediate	12/42	27%	.45
não-imediata	32/117	29%	.51

#### 6.2.1.5. Polaridade

Este grupo foi inicialmente constituído por quatro categorias:

- a) Afirmativa + afirmativa;
- b) Afirmativa + negativa;
- c) Negativa + afirmativa;
- d) Negativa + negativa.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Encontramos apenas um caso de Negativa + negativa.

Ex: O cronograma de investimentos da TIM é novo exemplo de que a privatização, quando bem idealizada e realizada, é generosa nos frutos. Depende, também, da ação eficaz da agência reguladora. Mas eficiência **não** faltou à Anatel. Que o novo governo, portanto, **não** ceda à tentação de mexer em time que está ganhando. [Editorial - Jornal do Brasil]

Hopper & Traugott (2003) incluem a polaridade entre os parâmetros de transitividade, portanto, associada ao plano discursivo. Orações afirmativas caracterizam o fundo, negativas a figura. A sequência que alterna afirmativa e negativa ou negativa e afirmativa marcava o contraste discursivo entre a explicação e a conclusão.

**Afirmativa + afirmativa:**

(41) Devido à aceleração geral, a jornada de 24 horas, na verdade, é somente de 16 horas. Portanto, a percepção de que tudo está passando rápido demais não é ilusória, mas teria base real nesse transtorno da ressonância Schumann.

[*Opinião – Jornal do Brasil*]

(42) O Brasil certamente contribui para tal mudança de comportamento. No lugar de eleger o FMI como causa dos nossos males, o Brasil assumiu a responsabilidade de enfrentá-los - arcando como inevitável custo do ajuste. Assim, o país se credenciou nas instituições multilaterais para conduzir com rédeas próprias o seu programa, recebendo crédito para tal.

[*Editorial – O Globo*]

(43) A população espera de seus governantes, no ano que se inicia hoje, o empenho necessário à solução dos graves problemas que afetam o estado como um todo, nas mais diferentes áreas. Ø Que as boas idéias de 2003 sejam perpetuadas e os problemas, enfrentados com disposição e seriedade; que as falhas não sejam simplesmente esquecidas ou ignoradas: devem ser consideradas até para não serem repetidas.

[*Editorial – Extra*]

**Afirmativa + negativa:**

(44) No Brasil e na Argentina, acredita-se que é possível, primeiro, reforçar o Mercosul para depois negociar a Alca. Zoellick foi consultado sobre um acordo que tivesse de um lado o Mercosul e de outro, os EUA. Mas descartou de pronto o formato 4+1.

Ø O Brasil **não** tem tempo a perder.

[*Editorial – Jornal do Brasil*]

**Negativa + afirmativa:**

(45) Entretanto, por desinformação, a população do Rio de Janeiro, que tem na solidariedade uma de suas principais marcas, acaba **não** se envolvendo como deveria. É necessário, portanto, que sejam feitas campanhas de esclarecimento em todos os níveis. Cabe às autoridades fazer esse trabalho de conscientização. A vida agradece.  
[Editorial – Extra]

Este grupo de fatores, amalgamado em duas categorias, foi selecionado como estatisticamente relevante (cf. tabela (6a)):

Tabela 6a  
Efeito da polaridade no uso de *portanto* vs. conector *zero*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
afirmativa + afirmativa	42/335	13%	.57
afirmativa + negativa e negativa + afirmativa	2/77	2%	.20

Observa-se que polaridades iguais (afirmativa+afirmativa) favorecem o uso de *portanto* (.57). Inversamente, *portanto* é desfavorecido no caso de polaridades opostas. Observamos que o contexto que mais favorece o *portanto* (afirmativa+afirmativa), é justamente o contexto mais produtivo. Segundo o princípio funcionalista da marcação, estruturas não marcadas se caracterizam por apresentar maior frequência, menor complexidade cognitiva e menor complexidade formal. Assim, polaridades opostas estabelecem elos de vinculação menos coesos, desfavorece o uso de *portanto* em favor do conector *zero*.

No caso da sequência explicativa–conclusiva há mudança de plano: da argumentação propriamente dita para a conclusão (que reafirma a tese).

A alternância entre afirmativa e negativa marcaria por si só mudança de plano. A ausência dessa marca – afirmativa seguida de afirmativa – favoreceria a explicação do conector.

Tabela 6b  
Efeito da polaridade no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
afirmativa + afirmativa	42/145	30%	.53
afirmativa + negativa e negativa + afirmativa	2/14	14%	.20

A tabela (6b) apresenta o efeito da polaridade na escolha entre *portanto* e conector *não-canônico*.

Os resultados confirmam a oposição entre as duas variantes, ou seja, que o uso de conectores *não-canônicos* é análogo ao do conector *zero*.

#### 6.2.1.6. Sequência temporal

O grupo de fatores sequência temporal é constituído por três categorias:

- a) simultâneas: presente + presente; passado + passado; futuro + futuro;
- b) icônicas: presente + futuro; passado + presente; passado + futuro;
- c) anti-icônicas: presente + passado; futuro + presente; futuro + passado.

Em Cunha (2008, p.167-9), iconicidade como um dos princípios do funcionalismo se manifesta em três subprincípios: da quantidade; da integração; da *ordenação sequencial* (grifo

nosso). O subprincípio da ordenação sequencial se divide em dois subprincípios: da *ordenação linear* (grifo nosso) e da relação entre ordem sequencial e topicalidade.

O subprincípio da *ordenação linear* se baseia na ordenação de orações no discurso que inclina-se a mostrar a sequência temporal que os eventos ocorrem.

De acordo com Paiva (1991, p.26) o pressuposto de existência de uma ordenação natural, na sua versão lógica ou na sua versão cognitiva, prevê que a cláusula causal antecede a cláusula efeito, refletindo a ordem em que os fatos ocorrem na realidade. O pressuposto de ordem natural está estreitamente associado ao *princípio de temporalidade* ou de *sequencialidade temporal*. Os fatos são percebidos como dispostos no eixo do tempo, de forma que o fato *causa* ocorre num momento de tempo anterior aquele em que se dá o *efeito*.

Para a autora, a ordenação de cláusulas de causa/efeito ou argumento/conclusão se fundamentam no pressuposto de existência da ordenação natural e em princípios de natureza discursiva.

### **Simultâneas:**

(46) Retomando à Gávea após breve campanha no Sul, Infinite Sail, fêmea de cinco anos, descendente de Quaech e Frontier Sail, aparece como boa opção de crava para aqueles que gostam de "economizar combinações e dinheiro", colocando "firme", em qualquer jogo - principalmente na, Superpule de Placê e Super Tri, - 100° de bonificação -, esta defensora do Stud Presenteador, que tem como treinador o excelente César Guerreiro Tavares. Aliás, é ótima a oportunidade para a menina Josiane Gulart (tem tido muito pouca chance de pilotar), conseguir vencer e marcar mais um ponto na estatística de jóqueis (continuo afirmando ser uma das melhores profissionais em termos técnicos e atlético), pois, tendo animal, *difícilmente não conquista o primeiro lugar. Portanto*, quem também *optar por uma crava, acredite* no triunfo desta tordilha nascida e criada no Haras Mersen.

[Opinião – O Povo]

(47) Uma das mais importantes é a que estabelece que os organizadores *deverão garantir não só as condições das instalações do local* do evento, como a segurança das áreas internas. Assim, em caso de brigas, as equipes de som e os clubes *responderão na Justiça pelos problemas que venham a surgir* em seus ambientes.

[Editorial – Extra]

(48) Esse desempenho *deverá favorecer o crescimento das exportações brasileiras*. Ø *A balança comercial deverá pelo menos repetir o saldo positivo do ano passado, com um superávit próximo de US\$ 25 bilhões.*

[Crônicas – Jornal do Brasil]

#### **Anti-Icônicas:**

(49) *A operação no terminal é do tempo em que o Brasil importava mais petróleo do que produzia. Perdeu, portanto, utilidade diante dos riscos para uma região violentada por descarga de óleo e ameaça implícita na usina nuclear.*

[Editorial – Jornal do Brasil]

(50) *A imprensa está dizendo que Luma de Oliveira precisou de um bombeiro. O Brasil, também. A mídia fez de Luma um facho aceso sobre nossa pátria. A beleza exerce atração. E quem exerce atração, exerce poder. Ø *Pautaram Luma para a crise.* Como as matérias vêm sempre ilustradas com fotos, pelo menos esta crise é encantadora. Melhor contemplar a alegria algo despudorada de Luma de Oliveira do que as sombras que cercam Waldomiro Diniz e seus asseclas, alguns ainda em sombras muito mais pesadas.*

[Crônicas – Jornal do Brasil]

#### **Icônicas:**

(51) *Dessa maneira, não seria necessária a criação de um órgão, de duvidosa constitucionalidade, pois, segundo o artigo 20º da Carta Magna brasileira, os poderes da União (Legislativo, Executivo e Judiciário) são independentes e harmônicos entre si. Como, portanto, criar-se um órgão que, sem ter as prerrogativas do Judiciário, a ele se sobreponha? De que natureza será esse órgão? Ou será mais um poder da União?*

[Opinião – Jornal do Brasil]

(52) *Não custa notar também que, com todos os senões, no Rio já houve pelo menos uma operação policial importante e bem-sucedida que *contou com a participação do "Pax Rio"* - a captura do traficante Elias Maluco.*

Assim, *a decisão é pelo menos precipitada.*

[Editorial – O Globo]

(53) *Não vejo por que, então, discriminar o "bingo". Dei parecer favorável ao projeto do deputado Gilmar Machado, pois permite combater os efeitos anti-sociais da atividade com instrumentos que, hoje, não existem. No famoso episódio da instituição, na Roma antiga, do imposto sobre as latrinas públicas, o imperador Vespasiano respondeu às críticas de seu filho Tito com a célebre frase: o tributo non olet (não cheira). Ø *Creio que é melhor tributar atividades que se encontram na linha limítrofe entre o regular e o irregular do que permitir que criminosos as explorem, impunemente, utilizando sua receita - não controlada - para atividades ilícitas, inclusive para a corrupção.**

[Crônicas – Jornal do Brasil]

Tabela 7a  
Efeito de sequência temporal no uso de *portanto* vs. conector zero

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Simultâneas</i>	30/265	11%	.52
<i>Anti-Icônicas</i>	5/48	10%	.49
<i>Icônicas</i>	9/99	11%	.42

Os índices revelam que a sequência simultânea é o contexto que mais favorece o uso de *portanto* na relação de *portanto* vs. conector zero (.52). A relação causa/resultado (icônica) desfavorece o *portanto* em favor do conector zero (.42). A relação icônica não precisa do *portanto* porque tem uma diferença temporal que mostra a relação de causa/resultado. A causa faz parte dos argumentos enquanto o resultado é a tese.

A relação resultado/causa (anti-icônica) ocupa uma posição intermediária (.49). A relação causa/resultado (simultânea) favorece o uso do *portanto* (.52). Como a causa antecede a consequência (PAIVA, 1991), usa-se o *portanto* para indicar a conclusão. De acordo com Weinrich (1989) o tempo verbal marca se a oração tem movimento icônico ou anti-icônico.

Tabela 7b  
Efeito de sequência temporal no uso de *portanto* vs. não-canônicos

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Simultâneas</i>	30/116	26%	.47
<i>Anti-Icônicas</i>	5/10	50%	.84
<i>Icônicas</i>	9/33	33%	.47

Os índices revelam que a sequência anti-icônica é o contexto que mais favorece o uso de *portanto* na relação de *portanto vs. conector não-canônico* (.84).

### 6.2.2. Variável social

O grupo de fatores extralinguístico são os periódicos *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Extra* e *O Povo*.

#### 6.2.2.1. Periódicos

Mollica & Braga (2004) dizem que *aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais* (p.27).

Como vimos na descrição da amostra, trabalhamos com os quatro periódicos selecionados pelo PEUL/UFRJ: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Extra* e *O Povo*. A escolha teve por objetivo cobrir as diferentes faixas sócio-econômicas do público leitor, presumivelmente associados ao preço do jornal.

#### ***Jornal do Brasil:***

(54) Dessa maneira, não seria necessária a criação de um órgão, de duvidosa constitucionalidade, pois, segundo o artigo 20º da Carta Magna brasileira, os poderes da União (Legislativo, Executivo e Judiciário) são independentes e harmônicos entre si. Como, portanto, criar-se um órgão que, sem ter as prerrogativas do Judiciário, a ele se sobreponha? De que natureza será esse órgão? Ou será mais um poder da União?

[Opinião – *Jornal do Brasil*]

***O Globo:***

(55) Ao falar com algum assecla, o bandido anunciou o planejamento de uma operação de impacto para suspender as atividades em bairros da cidade. A governadora, portanto, agiu com bom senso ao pedir o apoio federal, previsto na Constituição.

[*Editorial – O Globo*]

***Extra:***

(56) Nada, porém, justifica a reação como a do piloto de avião. Um brasileiro que tivesse reação semelhante ao desembarcar em algum aeroporto dos Estados Unidos certamente também seria punido. São atos indignos, que ofendem o país e, por isso, não merecem tolerância e devem ser avaliados pela justiça.

[*Editorial – Extra*]

***O Povo:***

(57) Recebendo os cuidados do excelente treinador Roberto Morgado Junior (dispensa qualificações), [explicação=como] *a castanha nascida e criada no Haras San Francesco, pode mesmo ser uma pule salvadora para a rapaziada que já está a perigo nesta prova final da semana.* Portanto, [conclusão=portanto] quem acreditar, embarque nesta canoa, pois, as informações recebidas são que o jóquei Gilvan Guimarães será responsável por sua direção, está confiante na vitória.

[*Opinião – O Povo*]

Este grupo de fatores foi selecionado pelo Programa Goldvarb. Os resultados da análise quantitativa encontram-se nas tabelas (8a) e (8b):

Tabela 8a  
Efeito de periódicos no uso de *portanto* vs. conector *zero*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Jornal do Brasil</i>	12/164	7%	.35
<i>O Globo</i>	10/125	8%	.53
<i>Extra</i>	6/54	11%	.36
<i>O Povo</i>	16/69	24%	.83

Os índices revelam que a hipótese de um paralelo entre contínuo no uso das variantes e a escolha sócio-econômica dos leitores de jornais não se aplica integralmente.

Vemos que o *Jornal do Brasil*, que postulamos como o mais planejado surpreendentemente tende a evitar a variante *portanto* (.35) favorecendo o uso da variante *zero* (.65).

Por outro lado *O Povo*, que classificamos como o mais “popular” apresenta o nível mais alto de *portanto* e não da variante *zero* como hipotetizamos.

Os demais se comportam como esperado. Uma explicação para os altos índices do *portanto* no *O Povo* encontra-se no comportamento idiossincrático de um único articulista, que utiliza, 16/69 (24%) das vezes a variante *portanto*, quando a média é de 43/412 (12%). Podemos atribuí-lo como uma tendência à idiossincrasia – comum à língua escrita – quer ao desejo de mais transparência por parte do autor.

De qualquer forma, a retirada desses casos, elevou as taxas do *Jornal do Brasil* para (.64).

Quanto à explicação para a redução de *portanto* em favor da variante *zero* no *Jornal do Brasil*, que presumivelmente se dirige aos falantes da classe mais escolarizada, poderia ser atribuída a pretensão desvio do jornal.

Entretanto, segundo Fleischman (1990)<sup>28</sup> a mesma preferência foi registrada nos últimos três séculos na imprensa inglesa.

A tabela (8b) apresenta as taxas de *portanto* vs. conector *não-canônico*.

Tabela 8b  
Efeito de periódicos no uso de *portanto* vs. conector *não-canônico*

Fatores	Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Jornal do Brasil</i>	12/43	27%	.64
<i>O Globo</i>	10/34	32%	.57
<i>Extra</i>	6/49	12%	.17
<i>O Povo</i>	16/35	48%	.76

A tabela (8b) confirma nossas hipóteses iniciais de que os conectores conclusivos tendem a ocorrer nos periódicos voltados para um público mais escolarizado e em menor número em periódicos voltados para um público menos escolarizado. A única exceção é *O Povo*. Observa-se aqui o mesmo efeito do articulista idiossincrático de *O Povo*.<sup>29</sup>

A seguir passamos às considerações finais deste estudo.

<sup>28</sup> A autora esclarece que parece existir uma tendência em periódicos ingleses em usar conector *zero*. É uma tradição que vem de 300 anos.

<sup>29</sup> Vide tabelas 11 e 12 onde retiramos o jornal *O Povo* e o gênero *Opinião* das rodadas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho apresentamos as variantes conclusivas no *corpus* de periódicos cariocas. Propunha-mos que a conexão explicativa-conclusiva apresentava diferentes graus de vinculação, e que o uso da variável de um conector conclusivo ou sua ausência correlacionava-se estatisticamente a contextos linguísticos e extralinguísticos.

Foram propostas três variantes opondo por um lado o conector canônico *portanto* e, por outro, a ausência de marca explícita de conexão (conector *zero*).

Quanto aos conectores não-canônicos (*e, por isso, pois, então, assim, aí, conseqüentemente*) ocupariam algum lugar – talvez intermediário – entre a presença de *portanto* e a sua omissão.

De acordo com a teoria laboviana confirmamos os contextos relevantes para a ocorrência das variantes. Foram selecionados seis contextos relevantes para o uso das variantes: nível de conectividade, gêneros discursivos, referência temporal, proximidade, polaridade e periódicos. Os resultados quantitativos dos seis contextos revelaram a complementariedade entre a variante *portanto* e a variante *zero*. Assim, os contextos que favorecem o uso de *portanto* desfavorecem o uso da variante *zero*.

Três destes contextos se revelaram igualmente relevantes – na mesma direção – para o uso da variante *portanto* em relação aos conectores não-canônicos. São eles: periódicos, gêneros discursivos e referência temporal.

Constatamos que, em geral, a natureza dos periódicos interfere no uso das variantes da maneira prevista: maior favorecimento de *portanto* quando dirigidos a um público mais escolarizado, e inversamente ao que ocorre com os jornais dirigidos ao público menos habituado à leitura.

As exceções encontradas são explicáveis por fatores inesperados: a) o uso de *portanto* como idiosincrasia em *O Povo*, periódico dirigido ao público menos escolarizado;

b) tendência a desfavorecer *portanto* em favor da variante *zero*, no *Jornal do Brasil*, provavelmente, pela tendência dos periódicos modernos a uma linguagem oralizada.

Confirmamos a preferência do uso de *portanto* em Editoriais, (e Opiniões) e o seu desfavorecimento (isto é, o favorecimento de *zero*) nas *Crônicas*. Explica-se pela tendência à função de lazer e à linguagem coloquial das *Crônicas*, em oposição à função crítica dos gêneros *Editorial* e *Opinião*. Entre estes, o primeiro distingue-se pelo distanciamento e o segundo pelo envolvimento do leitor.

O emprego de *portanto* em orações conclusivas no presente do indicativo reflete a organização da estrutura argumentativa na medida em que as conclusões confirmam a tese, (em geral genérica, habitual ou fatural no presente do indicativo) que tendem a usar a mesma forma verbal.

Outro aspecto derivado da conexão entre explicativa e conclusiva que interfere no uso de *portanto* é a distância da explicativa precedente. *Portanto* retoma, anaforicamente, o conteúdo da explicativa. Assim, quanto mais distante a conclusão se encontra da explicação, mais necessária se torna a presença da marca de conexão canônica (princípio da iconicidade subprincípio da proximidade).

Outra forma de marcar o grau conector entre conclusiva e explicativa é a pontuação. As conexões que oralmente se inserem na mesma curva entoacional (conexão intrafrástica) são separadas por vírgula ou ponto e vírgula, e apresentam maior vinculação e por isso tendem a ocorrer com a variante canônica *portanto*; ao contrário, as que são marcadas oralmente por curvas oracionais (conexão interfrástica), são marcadas por ponto final, representando a menor conectividade entre as orações. Neste caso, *portanto* é menos favorecido em favor da variante *zero*.

A combinação de oração explicativa e conclusiva com a mesma polaridade (afirmativa) também se relaciona à questão dos planos do discurso. A sequência das

polaridades alternantes representa mudança de planos, no caso, a passagem da explicação (fundo) à conclusão (figura), e *portanto* prescinde da explicitação do marcador de conclusão canônico.

A sequência da mesma polaridade favorece a presença do *portanto*, na medida em que esta explicita a relação entre dois planos distintos.

Embora firmemente ancorada no princípio da iconicidade, a sequência temporal – entre conexão explicativa e conclusiva – não foi selecionada como relevante. Entretanto, aqui também os resultados sugerem a validade da hipótese.

Como é consensual a sequência antes-depois leva à interpretação causa-consequência (*post hoc propter hoc*).<sup>30</sup> Consequentemente desfavorece a presença de *portanto* em favor da variante *zero*.

Assim, os resultados que apresentamos permitem afirmar que o uso das variantes *portanto*, conector *não-canônico* e conector *zero* não são aleatórios.

Apesar da aparente diversidade dos fatores, constata-se que o uso de cada variante, as variáveis se alinham na mesma direção: de maior *vs.* menor grau de vinculação entre as orações explicativa e conclusiva no discurso que subjacentes às variáveis postuladas existem motivações funcionais convergentes.

Apesar do caráter não conclusivo da pesquisa, esperamos ter demonstrado a relação entre estrutura cognitiva, discurso e práticas sociais.

---

<sup>30</sup> Expressão que significa: “depois disso por causa disso.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad.: Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2ªed. São Paulo: Publifolha, 2008a.
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 4ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua Castellana*. Madrid: Edaf, 1984. v.16. [Santiago do Chile, 1ªed. 1847]
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.47-60.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Nacional, 1984.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORIOLOANO, Jaqueline Silveira. *As orações circunstanciais de gerúndio*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Linguística, 2009.

- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008. p.157-176.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática moderna*. 2ªed. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares, 1970.
- CUNHA, Maria Angélica F.; COSTA, Marcos A.; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica F.; OLIVEIRA, Mariângela R. de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FIGUEIREDO, João Ricardo Melo. *Variação e mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitas iniciadas por para na fala carioca*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Linguística, 2007.
- FLEISCHMAN, Suzanne. *Tense and Narrativity: from medieval performance to modern fiction*. Austin: University of Texas Press, 1990. p.191 (nota 151, p.392).
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.
- GRYNER, Helena. A sequência argumentativa: estrutura e funções. *Veredas*, Juiz de Fora, v.4, n.2, p.97-112, jul./dez. 2000.
- GUY, Gregory Riordan. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. Trad.: Ana Zilles. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood & HASAN, Ruqaiya. Cohesion in English. In: QUIRK, Randolph (Ed.). *English Language Series*. London: Longman, 1976. n.9.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LABOV, William. *Language in the Inner City: studies in the black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAVANDERA, Beatriz R. *Curso de linguística para el análisis del discurso*. Tucumán: Buenos Aires, 1990. Cap.7.
- LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Grammaticalization of conjunctions. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009. v.1. p.577-83.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MANN, William C. & THOMPSON, Sandra A. (Eds.). *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.15-28.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

- NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NICHOLS, Johana. Functional Theories of Grammar. In: *Annual Review of Anthropology*, Berkeley, University of California, 13, 1984. p.97-117.
- PAIVA, Maria da Conceição A. de. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Linguística, 1991.
- PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *As estruturas correlatas da comparação: análise semântico-argumentativa do discurso na comédia Eufrosina*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Linguística, 1988.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucy. *Traité de L'argumentation: La nouvelle rhétorique*. Bruxelles: l'Université de Bruxelles, 1988.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. *Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio?* *Scripta*, Belo Horizonte, PUC Minas, v.4, n.7, p.60-71, jul./dez. 2000.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ªed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich *et alii* (Eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York, 1988.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, Paulo Nunes da. A expressão do tempo numa sequência explicativa. Textos selecionados. *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de linguística (APL)*. Lisboa, 2007, p.611-23.

VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura da Conceição e MARTELOTTA, Mário Eduardo. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

WEINRICH, Harald. *Le Temps: le récit et le commentaire*. Paris: Éditions Du Seuil, 1989.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena (Orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Edições Cosmos, 1992. v.II.

## ANEXOS

Tabela 9  
*Portanto vs. Conector zero*

Grupos de Fatores		Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Periódicos	<i>Jornal do Brasil</i>	12/164	7%	<b>.35</b>
	<i>O Globo</i>	10/125	8%	<b>.53</b>
	<i>Extra</i>	6/54	11%	<b>.36</b>
	<i>O Povo</i>	16/69	24%	<b>.83</b>
Gêneros Discursivos	<i>Crônicas</i>	8/194	4%	<b>.28</b>
	<i>Opinião</i>	21/152	14%	<b>.64</b>
	<i>Editorial</i>	15/66	22%	<b>.79</b>
Referência Temporal	Presente	42/324	13%	<b>.61</b>
	Não Presente	2/88	2%	<b>.14</b>
Proximidade	Imediata	12/104	11%	<b>.24</b>
	Não Imediata	32/308	10%	<b>.59</b>
Nível de Conectividade	Intrafrástica	20/65	30%	<b>.95</b>
	Interfrástica	24/347	7%	<b>.35</b>
Polaridade	Afirmativa+Afirmativa	42/335	13%	<b>.57</b>
	Afirmativa+Negativa e Negativa+Afirmativa	2/77	2%	<b>.20</b>
Sequência Temporal	Simultânea	30/265	11%	.52
	Anti-icônica	5/48	10%	.49
	Icônica	9/99	11%	.42

Significância de *Portanto vs. Conector zero* = 0,014<sup>31</sup>

<sup>31</sup> *Step up* em negrito.

Tabela 10  
*Portanto vs. Conector não-canônico*

Grupos de Fatores		Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Periódicos	<i>Jornal do Brasil</i>	12/42	27%	<b>.64</b>
	<i>O Globo</i>	10/34	32%	<b>.57</b>
	<i>Extra</i>	6/48	12%	<b>.17</b>
	<i>O Povo</i>	16/35	48%	<b>.76</b>
Gêneros Discursivos	<i>Crônicas</i>	8/52	16%	<b>.23</b>
	<i>Opinião</i>	21/63	34%	<b>.66</b>
	<i>Editorial</i>	15/44	33%	<b>.62</b>
Referência Temporal	Presente	42/130	33%	<b>.59</b>
	Não Presente	2/29	6%	<b>.15</b>
Proximidade	Imediata	12/42	27%	.45
	Não Imediata	32/117	29%	.51
Nível de Conectividade	Intrafrástica	20/59	33%	.59
	Interfrástica	24/100	25%	.44
Polaridade	Afirmativa+Afirmativa	42/145	30%	.53
	Afirmativa+Negativa e Negativa+Afirmativa	2/14	14%	.20
Sequência Temporal	Simultânea	30/116	26%	.47
	Anti-icônica	5/10	50%	.84
	Icônica	9/33	33%	.47

Significância de *Portanto vs. Conector não-canônico* = 0,000

Tabela 11  
*Portanto vs. Conector zero*

Grupos de Fatores		Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Periódicos	Jornal do Brasil	12/164	7%	.42
	O Globo	10/125	8%	.61
	Extra	6/54	11%	.53
Gêneros Discursivos	Crônicas	8/194	4%	<b>.40</b>
	Editorial	15/66	22%	<b>.82</b>
Referência Temporal	Presente	42/324	13%	<b>.61</b>
	Não-presente	2/88	2%	<b>.15</b>
Proximidade	Imediata	12/104	11%	<b>.21</b>
	Não-imediata	32/308	10%	<b>.60</b>
Nível de Conectividade	Intrafrástica	20/65	30%	<b>.96</b>
	Interfrástica	24/347	7%	<b>.34</b>
Polaridade	Afirmativa+Afirmativa	42/335	13%	.55
	Afirmativa+Negativa e Negativa+Afirmativa	2/77	2%	.29
Sequência Temporal	Simultânea	30/265	11%	.51
	Anti-icônica	5/48	10%	.62
	Ícônica	9/99	11%	.40

Significância de *Portanto vs. Conector zero* = 0,008

Tabela 12  
*Portanto* vs. Conector não-canônico

Grupos de Fatores		Apl./Total	Porcentagem	Peso Relativo
Periódicos	Jornal do Brasil	12/43	27	.67
	O Globo	11/34	32	.57
	Extra	6/49	12	.35
Gêneros Discursivos	Crônicas	9/53	16	.40
	Editorial	15/45	33	.65
Referência Temporal	Presente	29/117	24	<b>.58</b>
	Não-Presente	2/29	6	<b>.20</b>
Proximidade	Imediata	9/41	21	.43
	Não-Imediata	22/105	20	.52
Nível de Conectividade	Intrafrástica	18/57	31	<b>.68</b>
	Interfrástica	13/89	14	<b>.38</b>
Polaridade	Afirmativa+Afirmativa	30/133	22	.53
	Afirmativa+Negativa e Negativa+Afirmativa	2/14	14	.19
Sequência Temporal	Simultânea	22/110	20	<b>.44</b>
	Anti-Icônica	5/10	50	<b>.87</b>
	Icônica	6/28	21	<b>.54</b>

Significância de *Portanto* vs. Conector não-canônico = 0,017

### **Relações das operações realizadas:**

Em uma primeira rodada, analisamos um total de dez grupos de fatores.

Em uma segunda rodada, foram testados oito grupos de fatores. Foi retirado o grupo de fatores posição do conector na sentença, e polaridade das orações com o fator negativa+negativa; amalgamamos o grupo de sequência dos tempos verbais. O grupo de fatores gênero/sexo não pode ser realizado porque no *Editorial* não tem autor identificado.

Na terceira rodada, *portanto* em relação a conectores *não-canônicos*, retiramos o grupo de fatores proximidade e amalgamamos fatores dos grupos polaridade e sequência temporal. Na rodada de *portanto* em relação ao conector *zero* retiramos o grupo de fatores da co-referência de sujeito.

Na quarta rodada, testamos as variantes *portanto* e conectores *não-canônicos*. Aí eliminamos grupo de fatores sequência temporal. No teste de *portanto* em relação ao conector *zero* retiramos o grupo da co-referência de sujeito.

Na quinta rodada, inserimos grupo de fatores proximidade e amalgamamos fatores do grupo sequência temporal.

Na sexta rodada amalgamamos fatores do grupo nível de conectividade e retiramos o grupo de fatores referência temporal.

Na sétima rodada de *portanto* em relação a conectores *não-canônicos*, retiramos os grupos de fatores proximidade e sequência temporal, e eliminamos o grupo de fatores nível de conectividade. No teste de *portanto* em relação ao conector *zero* retiramos o grupo de fatores proximidade; eliminamos o grupo de fatores nível de conectividade, e amalgamamos fatores do grupo sequência temporal.

Houve uma segunda tentativa da sétima rodada onde foi retirada a variante *portanto* do jornal *O Povo* gênero *Opinião*, com o objetivo de testar se a frequência da variante *portanto* estaria afetando o resultado.

A oitava rodada foi melhor porque selecionou maior número de grupos de fatores e apresentou a melhor significância. Nesta rodada eliminado o grupo de fatores da co-referência de sujeito e reincidido o grupo de fatores referência temporal, proximidade; amalgamamos fatores do nível de conectividade.

As rodadas que se seguiram não se mostraram relevantes.

NUNES, Adriana Zanela. Conectores conclusivos em periódicos cariocas: uma visão variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009, Dissertação de Mestrado em Linguística.

## RESUMO

Este trabalho analisa a variação de uso dos conectores conclusivos explícitos e implícitos em textos escritos. Com base nos princípios da Sociolinguística Variacionista Laboviana e da linguística funcionalista. O *corpus* foi constituído da amostra de textos de jornais do Rio de Janeiro, que pertencem ao banco de dados do projeto PEUL/UFRJ.

NUNES, Adriana Zanela. Conectores conclusivos em periódicos cariocas: uma visão variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009, Dissertação de Mestrado em Linguística.

#### ABSTRACT

This study analyses the variation use of explicit and not explicit conclusive connectives in written texts. Based on the principles of the variational sociolinguistics and of functionalist linguistics principles. The *corpus* was constituted from the sample of texts from newspapers of Rio de Janeiro which belong to the data bank of PEUL/UFRJ project.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)